

# Do Porto a Braga de Carroção, em 1856 – “Apontamentos de Viagem”, de Rodrigues de Freitas

por Jorge Fernandes Alves\*

## Nota de apresentação

O texto que se segue, com título original de “Apontamentos de Viagem”, é um folhetim juvenil da autoria de José Joaquim Rodrigues de Freitas Jr, que viria a ser conhecido posteriormente como jornalista, economista e político. Publicado no jornal *O Eco Popular*, entre 24.9.1856 e 8.11.1856, o texto, para lá da sua valia intrínseca, enquanto representação literária de uma época com interesse directo para a história dos transportes e da vida social portuguesa, apresenta-se ainda como relevante para o conhecimento da biografia do autor e, naturalmente, para os estudos locais, na medida em que nele há referências a várias localidades do itinerário, nomeadamente Ponte da Pedra, Castelo da Maia, Carriça, Trofa, Vila Nova de Famalicão e Braga, embora com mais incidência no lugar de destino. Daí a oportunidade da sua reedição, cerca de 150 anos depois, neste tipo de publicação.

Em si mesmo, o texto, da autoria de um jovem então com 16 anos, revela uma personalidade já intelectualmente estruturada, amante da nova literatura de viagens que despontava em Portugal, na pegada das *Viagens na Minha Terra*, de Almeida Garrett. Este breve folhetim, aproveitando a oportunidade que o jornal diário então fornecia para o contacto com o público, apresenta-nos uma narrativa cujo modelo é essencialmente o da novela de costumes em que se fazem sobressair os tipos sociais. A escrita é produzida com descontração, assumidamente como uma brincadeira literária que resulta de uma aposta entre jovens amigos que fazem uma viagem de Porto a Braga e que, nessa andança, decidem escrever o folhetim, com essa responsabilidade a ser tirada à sorte, tal como o autor descreve.

Coube, pois, o papel de narrar a viagem a Rodrigues de Freitas, que já então era colaborador assíduo do jornal *O Eco Popular*, um periódico de feição setembrista, publicado na cidade do Porto. E o jovem autor não fugiu ao desafio: é com ironia e um registo cáustico que descreve a viagem, uma autêntica crónica de mal-dizer, quer em relação à tecnologia do transporte então em uso – o carroção puxado por bois, em relação aos serviços de apoio (as estalagens), em relação aos usos e práticas sociais (particularmente impiedoso para com a religiosidade bracarense), deixando-nos algumas anotações deliciosas, ainda que recorrendo, talvez em excesso, ao estereótipo, sobretudo no que se refere a Braga.

O texto (que curiosamente antecipa um escrito do mesmo género redigido por Ramalho Ortigão) revela já a apetência clara de Rodrigues de Freitas pelas questões da economia política, área do conhecimento que viria a abraçar com profundidade, deixando de lado esta vertente literária, para a qual revelava contudo algumas qualidades.

Assim, importa assinalar que José Joaquim Rodrigues de Freitas Júnior nasceu no Porto em 24 de Janeiro de 1840, falecendo em 27 de Julho de 1896. Aos 22 anos, concluiu o curso de engenheiro civil de pontes e estradas na Academia Politécnica do Porto, onde, desde os 27 anos, foi lente de Comércio e Economia Política. Tornou-se uma personalidade de referência no ambiente cultural e político da sua época, um verdadeiro produtor de opinião, com profundas preocupações de modernidade, incontornável ao nível dos mais importantes espaços da sociabilidade portuense oitocentista – a Academia Politécnica, a Associação Comercial do Porto, o diário *O Comércio do Porto* (onde escreveria regularmente durante mais de trinta anos), bem como do movimento republicano então emergente.

.....  
\* Universidade do Porto.

Desde as suas primeiras intervenções públicas, nomeadamente no discurso de abertura da Academia Politécnica (1867), que se configurava como um homem de princípios, apontando aos seus alunos e leitores biografias de “modelos de bem viver, de ciência e de consciência”. Intelectual imerso no culto positivista e evolucionista da sua época, glosava, porém, a necessidade de articular ciência e virtude, como forma de responsabilização do homem, vendo na imprensa a grande arma para criar e esclarecer a opinião pública e, consequentemente, democratizar a sociedade.

Estas posições deram-lhe lugar no espaço político então à esquerda na monarquia constitucional, mas evoluiu rapidamente para o campo dos ideais republicanos, diluído o sentido do setembrismo inicial em que se educara, na órbita dos irmãos Passos. José Joaquim Rodrigues de Freitas foi deputado em várias legislaturas, desde 1870, mas foram as eleições de 1878 as que lhe conferiram maior relevo, dado ser eleito como candidato do Centro Eleitoral Republicano Democrático do Porto, surgindo assim como o primeiro deputado republicano eleito em Portugal, sendo depois reeleito várias vezes, ajudando, de uma forma determinante, a dar consistência ao movimento.

Autor de vários livros relacionados com temas económicos, a sua escrita desenvolveu-se essencialmente nos jornais, de cujos artigos se podem consultar hoje diversas antologias, com introduções biográficas (*Páginas Avulsas*, 1906; *Novas Páginas Avulsas*, 1996, Fundação Eng. António de Almeida; *Intervenções Parlamentares, 1870-1893*, Edições Afrontamento, 1999).

Neste contexto, os “Apontamentos” que agora se publicam constituem mais um registo para o balanço da bibliografia do autor. Na transcrição, actualizou-se a ortografia, mas mantiveram-se alguns vocábulos originais, ainda que caídos em desuso.

Jorge Fernandes Alves

Faculdade de Letras da Universidade do Porto

## Apontamentos de viagem – I

*Neste primeiro capítulo dizem-se algumas coisas cuja infusão se pode denominar prólogo. Viajantes antigos e modernos. Antigas e modernas bagagens. Fala-se em Anacharsis, Laporte, Xavier de Maistre, Garrett, Humboldt. O autor diz o seu rumo de viagem. Protestação desnecessária. F. X. de Oliveira. Excelência do segundo capítulo.*

As narrações dos viajantes de hoje são, nos felizes tempos em que nos achamos, um dos ramos da literatura.

Quando vem ao mercado literário alguma obra ou bugiaria concernente a viagens, ninguém espera outra coisa que não seja a narração dos martírios sofridos, dos prazeres que se gozaram, das impressões que se sentiram, a descrição do veículo em que se transita, a análise das pessoas com quem se viaja, etc. etc.

O viajante de hoje é um egoísta rematado; pecha de *nositismo* [sic] não a tem ele; senti isto, subi aquele monte, atravessei esta povoação, desci esta encosta: são as palavras de que usa.

O viajante dos tempos que há muito foram tinha marca de bom maçador; a história antiga era o seu elemento: a amabilidade e majestade da natureza nem sequer lhe lembrava; o sublime era residência da arqueologia; o belo consistia na história.

Evocava do túmulo os heróis do país que trilhava; arrancava à antiguidade todos os seus ornamentos, trasladava-os para o papel, e com isto nos dava uma larga *estopada*, que, por via da história, vinha por muitas vezes mesclada de mentiras e patranhas.

Um miliário fazia as suas delícias: uma coluna derrocada; uma cruz mutilada; uma ermida já ruínas; um leiteiro ainda não explicado, e já muito ininteligível pela acção dos tempos – eram coisas por qualquer das quais passava noites inteiras curvado sobre os livros que lhe poderiam sugerir luzes a tal respeito. Assim como cada terra tem seu uso, também cada época tem suas fases.

Para o viajante de hoje não é de grande momento a história. Seis páginas que lhe dedique, entre cem já sobejam ou superabundam; são como os juros que se tornam em usura quando passam de cinco ou seis por cento.

As raparigas da aldeia, ou a coquete da cidade, substituíram as colunas e os miliários; a contemplação das nuvens pousando nas serranias ou obscurecendo os céus, da torre que atravessa as nuvens, do regato que murmura, substituiu a ermida arruinada.

E quem aí tão desassisado que diga presentemente que a primeira substituição não foi boa e *confortable*, e que a segunda é preferível sobremodo à substituída neste tempo, em que quase todos os monumentos estão descritos e analisados, em que os edifícios mais ou menos notáveis estão esquadrinhados?

É necessário que toque a sua vez à natureza; que essas cenas majestosas passem do grande livro em que se acham escritas, para outro que as desenhe, ainda que sejam arremadas mal, porque é quanto se pode esperar dos homens.

Anacharsis ou ainda Laporte desagradam hoje como viajantes; são respeitados como historiadores; mas Humboldt e Xavier de Maistre elevam e extasiam com a sua leitura, bem como Stael e Garrett, quer viagem na Alemanha ou no seu quarto, na Itália ou na sua terra.

Esta larga e longa tirada veio a pêlo para se dizer que ninguém espere deste opúsculo dissertações arqueológicas ou históricas. O nosso programa já foi dito por Garrett nas = *Viagens da minha terra* = em aquelas palavras: – «Protesto que de quanto vir e ouvir, de quanto eu pensar e sentir, se há-de fazer crónica.»

Assim como o fim das viagens do tempo que foi há muito são dissimulantes das modernas, assim como os viajantes têm um gosto diverso, do mesmo modo e com razão mudaram as bagagens.

O viajante de outrora, quer fosse para longe, quer para perto, levava um teodolito ou grafómetro, uma tábua de logaritmos e um estojo para a medição dos terrenos e das elevações; um alto pé de milho, uma cabana tosca faziam-no desbiforcar-se do bucéfalo, tirar de entre o pesado baú todos os instrumentos necessários e evidenciar a altura ou a área daquelas ninharias.

Os livros científicos, de envolta com a roupa, ocupavam não pequeno espaço na caixa de viagem.

Hoje não acontece identicamente. Quem se desse ao trabalho de fazer o inventário da bagagem de um viandante (o mais dourado em seus trajares ainda), obteria em resultado:

Uma ou duas camisas.

Um par de peúgas.

Um par de calças.

Uns óculos de teatro.

Papel, tinteiro, etc.

Algumas obras de Lamartine, ou Victor Hugo, de Garrett ou Mendes Leal, de Soares Passos ou de outro qualquer literato estrangeiro ou nacional.

Exceptuam-se os seguintes:

Um ou dois historiadores.

Um ou dois arqueólogos.

O título desta obra é incontrastavelmente muito medíocre, mas grado e pretensioso quiçá para meia dúzia de folhetins, que não passam das costumadas sensaborias, apesar de serem a mais estimável obra

de seu autor; a pedra mais radiante da sua coroa de literato, o mais elevado monumento à sua ainda anfíbia reputação.

E nisto obrou ele com aviso; ninguém aguarde que lhe erijam monumentos; se os quer levante-os por sua própria mão. Sirva-lhe de espelho o de Garrett, o de Camões, o de D. Pedro, etc. etc.; no meu julgar os dois primeiros não precisam deles, porque já têm superabundantes; o último necessita dele e bem elevado e maravilhoso.

O ilustrado público, o amabilíssimo leitor (estilo dos prólogos rançosos da era de 1500), a cara leitora (indispensável no tempo de hoje) não hão-de estar contentes porque ainda lhes não dissemos qual foi o nosso rumo, qual a terra que pôde jactar-se ufana de recolher dentro em si este físico, impregnado em ciências e literatura, como a roupa tinta em campeche; qual foi o estalajadeiro que contou no rol dos seus hóspedes ao autor desta coisa, e que teve um leito para albergar meu corpo.

Mas para que algum vagado ou síncope não venha atormentar o leitor com a inopinada alegria daquela tripla novidade, dir-lhe-emos somente qual foi o nosso rumo. Foi Braga.

É necessário declarar, que pela leitura desta obrasita, haverá o público grandes conhecimentos com os terços da augusta cidade, com os seus cafés, e com muita coisa mais, que, para não agradarmos à prolixidade, deixamos de enumerar.

É agora um corolário assaz lógico e indestrutível, que o leitor há-de chorar por a continuação desta composição, arquétipo das viagens, quando vir = fim = em algum folhetim, como criança de peito que pede o leite materno. Console-se, porém, com a lembrança de que tudo que existe é finito, e que estas linhas são uma realidade, sujeitas portanto à lei geral.

Escrever é a monomania de hoje; eu já li em letra redonda, que todos queriam apresentar obra sua, em que não fosse mais que um prospecto; ora então não maravilha que a moléstia me combalisse e fizesse que sarrabiscássemos estes apontamentos.

Façamos aqui ponto a este capítulo, que muito bem pode servir de prólogo, e passemos ao segundo, que não há-de desagradar pelas variedades que contém, pela erudição que o autor ostenta nele, pelos lindos ramalhetes que o ornam, que fariam inveja ao mais pintado literato, e... mau, não predisponhamos o leitor; queremos súbito mostrar-lhe o belo e o agradável combinado com o útil. Olhe que tem bocadinhos bons o tal segundo capítulo e é completamente original.

## Apontamentos de viagem – II

*O autor declara que ia acompanhado por sete pessoas ou por oito. Pejo que o domina para dizer o nome do veículo que o conduzia; perífrase necessária e que mostra o que é um carroção. Catilinária contra ele. Fala-se a favor e contra os que o aprovam. Estado da abóbada aparente. Descrição do veículo. Dois criados e uma jumenta. Arca de Noé.*

Faça o favor de nos acompanhar até ao largo da Batalha, Sr. leitor; não tenha medo, apesar de ser meia-noite, que assim o indica uma buzina que se faz ouvir neste largo. É a diligência que parte para Braga.

Foi neste mesmo largo que eu saía de uma casa, situada ali, com a dupla tenção de passar vida regalada e folgazã, e de ir para Braga por espaço de 8 dias.

Vejamos se este projecto passou a lei.

Saibam quantos este público instrumento de viagem virem que o autor desta acreditadíssima obra ia na companhia de uma família composta de sete pessoas; se a criada se deve meter no rol da família, façam o favor de mudar o sete para oito, do que não resultará inconveniente algum.

Corro-me de pejo para deixar ao leitor o nome do veículo que carregava comigo.

Faça-se uma perífrase para que adivinhe antes que lho digamos expressamente.

O meu veículo é o verbo da anti-civilização; meus sétimos avós viram-no já velho, e as antiguidades, como diz Bocage a respeito de um velho canapé, pediram-lhe benção de avô.

Manuel José de Oliveira é o potentado ilustre, que nesta cidade tem conservado tal espécie de veículos. A civilização horroriza-se vendo que a estupidez ainda tem prosélitos; o século dezanove, o século das luzes por essência, o século da civilização, o século do progresso, do gaz-light da economia, recua aterrado, quando depois de ter lutado acremente por espaço de 56 anos contra a hidra das antiquilhas, mais terrível que a de Lerna, vê diante de si uma protelação tão enérgica a desfavor das suas luzes de sebo, gás, estearina, etc., como é a tal passarola, querida dos amantes de física e empachamentos.

Não há tribuno das turbas que não tenha declamado contra ela, não há economista que a não tenha fulminado; não há janota que não tenha pedido com todas as suas possantes forças a exautoração dela; não há literato que a não tenha confundido com os ditos mais picantes, que a não tenha vilipendiado com os nomes mais rasteiros que faziam corar de vergonha, esconder a face para este mundo à regateira mais debochada das praças de peixe.

A indecência autoriza-lhe a existência; o mau gosto adopta-a; a idade média requer o seu uso.

Mas ai! P'ró pudor! Malditas sejam as orações das velhas, se é por elas que nos tem vindo a conservação deste indecente transporte!

Nesta renhida, ainda que incruenta luta da idade média com o século dezanove, ficaram encantonados os bons desejos de todo o *incrível*, de todo que sabe as conveniências do século, de toda a gente sensata, de todo o rapaz que sabe retorcer o bigode, fumar meio charuto e deitar fora a outra metade.

O labroste alcançou triunfo, ou pelo menos corre parelhas com o lacaio; os socos rivalizam com a bota engraxada e luzidia; a jaqueta de borel ainda se julga com forças para quebrar lanças com a farda de pano azul; a vara com o agulhão faz visagens ao chicote de correia e pita; o boi diz zumbais ao cavalo, ousa tirar como ele as carroças e colher *polverem Olympicum*; as estradas de Portugal ainda são vincadas pelas rodas do carroção, que tremilhica sobre as correias; o pesado andar dos bois acha alguém que lhe dê mais aprovação do que ao nobre galopar dos Pégasos sem asas; o urro do boi vale mais que o relinchar do cavalo; os chifres daquele têm mais elegância que a elevação do pescoço e a flutuação das crinas deste.

Almas sem alma, vida sem energia, nem gosto, homens de mil e quinhentos e Vade retro! Mas vão lá dizer isto a um pai de família! excomungam o literato, anatematizam o civilizador; menosprezam a nossa missão. Dão-nos na cara com a conta da despesa, confrontam o gasto que fazem com os bois e moços, com a dos lacaios, cavalos, etc. etc.; vêem o excesso desta sobre aquela; queixam-se da pequenez de uma carruagem e das poucas comodidades que oferece!

Avaros! que não quereis concorrer com um punhado de dinheiro para tornar menos espinhosa a senda que trilhamos!

Ora aqui para nós, meus colegas, na aniquilação dos carroções, os tais senhores têm mais razão do que lhes demos; se nos viramos como eles metidos em camisas de onze varas, tendo às costas todas as despesas que exige uma família, talvez que os julgássemos mais, senão muito, razoáveis nos seus raciocínios.

Mas é necessário não desanimar; fala-se-lhes em Smith, Say e Bentham, em civilizações e gosto moderno; trocamos uma ou duas palavras obsoletas, e eles ficarão perplexos: mais outro ataque, a perplexidade converter-se-á em convicções.

Audácia! e a vitória nos coroará. *Audaces fortuna juvat.*

.....  
Ora é claro que o veículo para que subi era um carroção tirado por dois *dandys* do género bovino.

Cada qual ocupou o lugar que o seu corpo requeria, atendendo à grandeza do carroção, encostou depois a cabeça a um dos lados do veículo e cuidou em passar para o domínio de Morpheu.

Eu, porém, não passei para lá senão depois de feita uma hora.

A razão é muito simples; diz-se em oito palavras; tinha dormido 3 horas na tarde do dia antecedente.

O firmamento estava carregado de nuvens negras, e um listão avermelhado, cheio de electricidade, tirando para fulo, orlava o horizonte; o vento não sibilava, nem soprava; um calor ainda intenso a tais horas advertia da próxima trovoada: algumas tiras azuis, em que brilhavam estrelas, figurando diversamente, entremeavam com a negridão; de pouco em pouco via-se a lua, que era quase cheia, brilhar com todo o seu esplendor e dourar efemeramente a cabeça dos montes e a copa das árvores.

O tempo em que viajávamos era o em que os campos se acham cobertos de messes; se algum brando zéfiro soprava, e a lua era então visível, os seus raios pareciam oscilar como se as searas fossem um rio plácido.

Este espectáculo, verdadeiramente majestoso, e que me tem arrebatado a alma por algumas vezes, era-me agora insípido, e não sei que outra causa ponha a isso que não sejam os incómodos que ia sofrendo encarcerado no limitado carroção.

O brilho da lua importava-me menos que a impressão que o pé da minha vizinha fazia sobre os meus calos; não duvido, porém, que tivesse grande préstimo para dois amantéticos que, com os lábios colados, e com as mãos presas, a invocariam como testemunha do seu acendrado amor; para o cidadão portuense que transita de noite as ruas e anfractos da cidade do Porto e que em cada rua acha um precipício, que continuamente se expõe à supressão do nariz por coisa dos tubos do gás; para o astrónomo que deseja alongar as regiões celestes e tornar célebre o seu nome pela descoberta de algum planeta; para o aluno da escola popular de canto que vem de cantar os dez solfejos intermináveis, e medroso se dirige a casa, e finalmente para quejandos desgraçados.

.....  
Imagine-se um paralelogramo posto sobre duas correias bem seguras por quatro ferros; ponha-se por baixo e em sentido horizontal dois grossos paus paralelos atravessados por outros dois em cujas extremidades se acham colocadas rodas de pau com vários diâmetros de 4 palmos; pinte-se de azul e ter-se-á o exterior do veículo em que íamos.

Adiante dos bois de que já falei vai um homem de campo, vestido de preto, que visto de noite dá uma ideia, confusa, do *black knight* de Walter Scott; ora ao lado esquerdo, ora ao direito com uma vara na mão encostada ao ombro, vai outro homem. Uma carapuça vermelha como as dos marujos, uma jaqueta branca e os pés nus são os seus trajes; de quando em quando, dá outra direcção à vara, como de lança em riste, a fim de mimosar os bois com uma aguilhoada acompanhada de um enérgico = Eh lá, boi, eh, que agradecem levantando a perna ou sacudindo a cauda.

Para complemento deste primoroso quadro, digno do pincel de Guerin, ou Vuici, saiba-se que vai na saga do carroção e presa a um dos ferros que servem de mainel, uma jumenta de pêlo bastante anafado, que cobre gordas carnes, carregadas com andilhas. Na frente do carroção eleva-se uma caixa tal que se o carpinteiro ou ensamblador lhe desse mais um palmo de altura, encobriria parte das janelinhas dianteiras do carroção; esta arca de Noé serve de mala geral e supria, ainda que com laivos de indecência, o lugar para dois jockeys.

Eis aqui a esplêndida caravaneta de que eu fazia parte, e que causou pasmo aos Bracarenses, como depois se verá.

### Apontamentos de viagem – III

*Analisa-se os colegas da viagem do autor. Fala-se em muito sábio nascido de entre o povo. O autor crê que este capítulo há-de desagradar aos nobres. Bacharéis de hoje. A coquete.*

Muito repreensível fora o nosso comportamento, se previamente de entrarmos em pormenores de subido mérito, deixássemos de apresentar ao leitor a pintura dos personagens com quem temos a honra de viajar.

A fidelidade da cópia, tal que se confunda com o original, que sempre se exigiu e ainda se exige, será reverenciada e acatada no nosso desenho.

Avulte em primeiro lugar o Sr. C., que é o *scheik* da nossa caravana; é um cidadão portuense, bastante largo no corpo e minguado na altura; quando ergue os seus grandes olhos e os fixa em alguém, penetra-o interiormente até ao coração; um olhar audaz abate-se ao vê-los, e quando os abre muito parecem ameaçar e confundir.

Muito sabedor de filosofia prática, acerta de ordinário com o fito das acções dos homens; engana-se algumas vezes e o sumo desejo de querer acertar condu-lo ao erro e à desconfiança infundada.

Mede as suas falas, que costumam não ser em demasia, principalmente quando está sentado a uma mesa, cuja toalha encobre as iguarias: é um óptimo gastrónomo e os *beefs* acham um envoltório no bojudo ventre, capaz de fazer raivar por ele Lucullo.

A. L. é um dos meus companheiros de viagem e o de mais recordação para mim. Os seus passeios eram os meus; para onde eu ia, caminhava ele também; éramos a sombra mútua; admirava-me e inquiria por ele quando o não via junto de mim.

A. L. tem 18 anos; sua testa diz talento, e as palavras que os lábios soltam mostram que ela não mente; os cabelos pretos e curtos caem-lhe sobre um rosto comprido, e cuja mandíbula inferior o torna quase oval; sua tez morena harmoniza com as faces descoradas.

Uns olhos bem rasgados e com muita vivacidade, tornam o seu parecer muito fisionómico.

E, na verdade, há caracteres que são impossíveis de pertencer a um homem destituído de talento e inteligência. Não há pessoa alguma que não esteja, por experiência mesma, convencida da verdade da proposição directa e da falsidade ocasional da recíproca.

Dos olhos já disse um clássico nosso, D. Francisco Xavier de Oliveira, nas suas cartas críticas, jocosas e satíricas, que é coisa rara quando a vivacidade deles se não encontra com um bom entendimento.<sup>1</sup>

É bastante falador, mas acerta quase sempre, moraliza qualquer acto, e julgo-o capaz de fazer dissertações sobre *lana caprina*.

A ciência parece aborrecer os *nobres*, e o certo é que raro aparece entre eles.

Das classes que sem nenhuma justeza são denominadas baixas, têm saído toda a sorte de científicos e literatos, que foram embalados em berços do povo e amamentados por mães que com uma das mãos faziam girar o fuso e com a outra sustinham os filhos.

O sangue azul e os pergaminhos tornaram-se muito desprezíveis e ninguém faz hoje caso da aristocracia; do dinheiro sim; mas se aparecer aí um nobre carregado com pergaminhos que tragam data de 900, mirrados de dinheiro, ninguém os olha com respeito se não houverem factos próprios que o tornem venerável.

A plebe tem ao seu alcance um meio de se elevar muito além desses loucos.

Digam-no Shakespeare e Alembert, que viram, ao nascer, o braço do carinhoso pai, que alimentava um com o lucro do seu trabalho, e o rosto do vidraceiro que tomou conta do pobre enjeitado.

.....  
<sup>1</sup> Carta que diz respeito à Astrologia, etc., que é a 44.<sup>a</sup> do 4.<sup>o</sup> Tomo. – Edição de Lisboa.

O grande matemático e o sublime tragediografo não tinham brasões nem coroas de grandeza para apresentarem ao mundo, para lhe ordenarem a sua afeição; mas à mingua disto tudo deu-lhes Deus um imaginação abundante, um talento fecundo, um génio feliz que os elevaram além do pergaminho e do granito. A *Enciclopédia* e o *Macbeth*, os opúsculos e *Zaida* ganharam-lhe mais glória que muitas gerações fidalgas não poderão granjear. Os pobres plebeusitas, nus e crus como a natureza os deu, ainda hoje são respeitados com recente memória; os feitos desses aristocratas já atascados em proezas e heroicidades dos avoengos lá foram dar consigo no abismo do esquecimento. Pois se até os nomes deslembram à mais feliz memória pelo comprimento que têm e por exóticos que são!

Permitam-nos que *nostradamemos*: A. L., nascido dentre populares, há-de seguir a senda desses grandes homens. Não menos amante da glória do que Byron, há-de transpor todos os obstáculos e empecos que tem de encontrar na sua carreira. Os seus pequenos trabalhos críticos que ainda não viram a luz do mundo literário são muito estimáveis e mostram bem o que tem de ser aquele que os escreveu. Agouramos-lhe um bom futuro se a moléstia dos literatos portuenses, a preguiça, o não contagiar. Oxalá.

Seja-nos permitido tributar-lhe homenagem pública e sincera de respeito e de amizade.

Com todo o fogo da mocidade aos dezoito anos, partilha das ideias republicanas; mas tais mudanças temos visto que não podemos dizer com afoiteza se as conservará dilatadamente. Não costuma acontecer assim a quem tem ideias exaltadas como A. L.

O seu génio está entre o folgazão e o misantropo.

J. L., irmão de A. L., é quase diametralmente diferente do seu irmão. Já recebeu o *gradum baccalauri*, mas não é como grande número desses bacharéis que por aí se apresentam inçando as cidades, as aldeias, como tortulho em dias chuvosos, que por serem bacharéis (de *tibiquoque*) se julgam aptos para dizer toda as asneiras que lhes vierem ao toutiço arrogante.

São estas as melhores personagens para um Molière, um Nicolau Tolentino e que somente servem para descrédito dos que têm mérito e modéstia.

J. L. é muito pouco amigo de folgares; está encerrado quase sempre no seu gabinete, e sai de casa nas sóas ocasiões em que é obrigado a isso.

Pedimos vénia ao leitor para não falarmos de outras pessoas, que acompanhávamos.

A época em que nos achamos tacha de insípido o quadro em que se desenhavam as virtudes de uma boa senhora, sabedora dos deveres de mãe e de esposa e cuidadosa dos afazeres domésticos.

Não caio nessa, não; se tal fizera vinha logo o século dezanove aniquilar-me com os seus palavões capazes de horrorizarem um Gascão, por haver elogiado uma pessoa como aquela a que nos referimos; passavam-me sem apelação nem agravo para o quinhentismo, e eu não estou determinado a retroceder um tão grande número de anos.

Estamos no tempo dos tipos, arquétipos e protótipos, etc.: *coquetes* são o pasto da imaginação moderna. Quando se fala de mulheres, quer-se uma jovem, que acaba de sair da infância, cheia de inocência (Hum... hum...) que lhe adeje por de sobre os lábios carminados e risonhos, mais bela que Cleopatra e tão atractiva como Vénus, mas sempre inocente, que dance, que tenha camarote no teatro e que fale francês.

Vão dizer diante de uma roda de *coquetes*: Fulana talha muito bem vestidos, sabe guisar carne como a melhor pasteleira.

Santo Breve da Marca! Riam-se logo. Astroso de um tal aventureiro! Se quisermos vestidos, respondem as tais senhoras, temos a Guichard, ou a Andrilhac, e os nossos criados sabem optimamente dos afazeres culinários.

Pedimos a todo o bom vivente que não caia na maldita esparrela; ser-lhe-ia mais útil ler o quarto capítulo que vamos começar.



## Apontamentos de viagem – IV

*O céu serenado. A ponte de Leça, antiga e moderna. Imprecação contra os que marcam as léguas. Frederico Soulié. A descida de um carroção ou de outra qualquer espécie de transportes. Estalagem da Carriça. O autor faz um verdadeiro e circunstanciado juízo crítico de uma mesa que se acha na sala de jantar. Comodidades da estalagem. Boa nova. Fala-se em ópio, chá, café, pastéis, fiambre, e outras coisas que fazem criar água na boca.*

Estamos no dia 14 de Agosto. São 2 horas da manhã.

Era nesta ocasião que eu saía do mundo de Morpheu para o mundo real, tendo-me demorado ali por uma hora sem que visse alguma coisa ou ouvisse alguma voz celeste, dessas que se devem ouvir no trono dos deuses.

Quando acordei já o céu estava menos carregado de vulcões e a lua mostrava-se toda sem que fosse obscurecida pelas nuvens.

Esfreguei os olhos depois de ter tirado a custo os braços, que iam presos pelas costas dos que me ficavam dos lados. Que belas e interessantes visagens não faria eu durante o sono!

Em que altura vamos, perguntei a A. L.?

Perto da Ponte de Leça; acabo também de acordar, e sempre sonhei umas coisas.... quer que lhas conte?

Muito obrigado, respondi eu temendo o cataclismo das dissertações: que horas são?

Duas da manhã.

Que me diz? Ora isto... e fiquei desapontado inteiramente. Ter de estar encarcerado num carroção por espaço de duas léguas, antes que o meu corpo descanse! Apague que é muito! A ideia do futuro horrorizava-me, fazia-me tremer como um pinheiral açoutado pelo vento: roguei a Deus pela aproximação da Carriça; pedi para os bois a força de quatro cavalos e....

Estava mergulhado nestas injucundas reflexões, quando o coração parou; era por termos chegado à Ponte de Leça, onde se acha colocada uma guarda de não sei quantos soldados e um empregado da Companhia Viação Portuense, para perceber os direitos que todo o viandante e todo o veículo é forçado a pagar.

Para comodidade dos viajantes, diz-se que se pagam oito vinténs, por um carroção, bois, moços e tudo o mais que ele contém ainda que seja carga mefítica.

Íamos já ao meio da ponte, quando um = psiu, psiu, ó do carroção = fez parar as forças da locomotiva.

E a jumenta, senhor? a jumenta não pagou.

Mas pago eu por ela, respondeu o scheick, mal sustendo o riso; quanto é?

Dez reis.

O arame correu para as mãos do empregado e a locomotiva continuou a sua carreira.

Inspirado pelos *raios económicos* comunguei comigo:

– Para que se haviam de pagar dez reis pela jumenta? Não vai aqui, bem presente para lembrar, esta arca de Noé, que me impede os raios visuais? Não era melhor que se metesse nela este quadrúpede? Mas quem sabe se a caixa irá cheia de roupa? Mas não, é impossível; pois se ela tem idoneidade para conter o completo fardamento de uma companhia de cem soldados e nós somos 8 pessoas...

Uma acotoveladela de A. L. fez com que a nação perdesse um compêndio de economia política e doméstica, que eu projectava para inveja das outras nações; amaldiçoada cotoveladela!

«Ali está a ponte, disse-me ele, e lá em baixo o rio Leça, que vai serpeando as fraldas dos montes até ir pagar o seu óbolo ao Oceano, dar o tributo ao grande rei dos mares.»

A antiga ponte, que é da alvenaria, está desprezada e coberta de pequenos arbustos e musgo, que a tornam afeitada.

A nova ponte contrasta sublimemente com a antiga; mais guindada que esta, parece sustentar-se por si só no ar, revendo-se vaidosa na água e olhando-a com desdém, porque oferece ao viandante um trânsito seguro a despeito da corrente que lhe estorva a passagem; a outra, pobrezita, é de um gosto pesado como são para hoje todas as pontes da alvenaria e não tem graças para o mostrar; é uma pesada matrona de 60 anos que escusa a face aos que a viram outrora tão prazenteira, agradável e estimada de todos, que a olham hoje tão deslustrada e abatida; a ponte pênsil é uma jovem de 15 anos com todo o verdor da mocidade e com todas as galas da primavera da vida.

Aquela é toda de pedra, e precisa de mergulhar os sustentáculos do arco nas arcas do rio; esta compõe-se de umas poucas de tábuas seguras por arames que, se elevam até aos pequenos pilares que, a sustentam, e que nos passam com toda a segurança para a parte oposta do rio.

.....  
Carriça fica a três léguas do Porto na estrada de Braga; a uma légua distante de Leça há uma pequena povoação, que denominam Castelo; vêem-se ali umas poucas de casas, uma cadeia, e, como é uso nas aldeias, a câmara tem as suas secções na sala que fica superior àquela em que criminosos lamentam as suas culpas ou procuram meios para se porem em polvorosa.

E. W. na sua interessante obra, cuja é título: – *Hints to travellers in Portugal*, diz falando da demarcação das léguas portuguesas:

«Há distâncias a que chamam uma légua, somente por não perfazerem duas».

E esta verdade sente-se bem nas duas léguas que vão de Leça à Carriça, e que os antigos demarcadores partiram ao meio no Castelo; a primeira o dobro da segunda; o viajante que partindo da Carriça anda a pé em uma hora a primeira légua, amofina-se quando, passante de uma hora e meia de caminho, com a mesma velocidade, não tem acabado a segunda.

Quando cheguei à Carriça já era sol nado; tinham dado cinco horas. O céu já não tinha a cor negra que lhe vimos há pouco; à aglomeração de nuvens negras sucedeu um véu esbranquiçado, como de nevoeiro, que encobria os raios do sol bem pouco agradáveis para quem viaja por terra no meado de Agosto.

O exterior aspecto da estalagem parece de uma casa de sobejas comodidades para umas poucas de famílias; mas não é assim; provém isto da pouca largura que deram à casa.

Frederico Soulié, nas Memórias do Diabo, acha muito grotesca a descida dos viajantes da diligência; a meu julgar não era propósito daquele romancista excluir com a palavra – diligência – outro qualquer veículo.

E, na verdade, não deixa de ter graça.

Um viajero sacode com o lenço a poeira que o vento depositou nos engraçados botins, depois de a introduzir pelas janelinhas do carrão, sege, coche, char-a-bancs, trem, etc.; outro procura endireitar os colarinhos engelhados, porque o sono o obrigou a vergar a cabeça sobre os ombros; aquele olha desgostoso para a camisa empoirada e manchada pelo suor; as lágrimas quase que lhe marejam nos olhos ao ver o peitilho em condição tal que já não pode figurar na terra para onde vai; este outro sentado sobre uma pedra compõe o *toilette* em desordem com as escovinhas e cosméticos que trouxe na mala; aquele outro, o de melhor discernimento, não faz cabedal dessas ninharias, e entra imediatamente na cozinha, se é rés ao chão, pergunta pelo *que há para comer*, devora com o gosto as comidas que o estalajadeiro lhe vai enumerando, salva as escadas que dirigem à sala pública e pede as melhores iguarias que compõem a nomenclatura culinária.

Os viajantes na locomotiva que apresentamos ao leitor desceram dela, subiram à sala e apossaram-se da mesa que se achava nua de comida e de fregueses.

Eu subi a passo as escadas, porque as pernas, vindas de estarem em formas opressoras, contrariavam os desejos que eu tinha de ver devorar presto os melhores bocados, que as baixelas da estalagem pudessem trazer naquele dia.

Como fosse quinta-feira, temi que não houvesse na estalagem mais que um pouco de molho para o dia seguinte, que era de abstinência de carne; mas graças à providência do Sr. C., que tinha prevenido o estalajadeiro da sua vinda, havia muito em que atacássemos nossos apetites.

Se nos conformarmos com a aparência da mesa a que nos sentamos, temos de dizer que é do tempo de D. Pedro I ou de D. Fernando, ou de D. João I. Gostei da sua singeleza; é uma tábua quadrilonga, sustida por quatro paus a prumo, ligados por outros quatro horizontais, que oferecem descanso às pernas fatigadas dos caminheiros. É muito provável que um antiquário, um viajante de tempos antigos, acreditando ter diante de si um objecto de longas despertações, causticasse o pobre do estalajadeiro; eu cá não sou assim; aquela mesa não era mais nem menos que o mais pulverulento cronicão da Torre do Tombo encadernada em linho que encobria a imensa carcoma.

Um relógio de sala é um dos novos adornos que o dono da estalagem deu à sua casa; mais uma mesa, mana da primeira, o mais pequerruchinho que serve de bacalhau de aparador, algumas cadeiras de palhinha e de pinho formam a mobília desta sala.

Por dois degraus vai-se para uma quadra que tem uma mesa ao serviço dos viajantes, uma longa, larga e profunda cómoda nova e uma mesa, que se assemelha com um piano.

As janelas da estalagem dão vista para os campos, que são o único recreio do amator de panoramas. Defronte da casa está um ferrador pouco amável e que torna desastroso o melhor sono com o barulho infernal que faz batendo com o martelo sobre a bigorna, ainda mesmo quando não tem que fazer.

Mais dois quartos muito pequenos dão fim às comodidades, que pode achar na estalagem uma família; há também camas, segundo nos disse a «tia de Melgaço»<sup>2</sup> que só têm serventia para gente pouco estimada.

A despeito de tudo isto, pode dizer-se, sem receio de hipérbole, que a estalagem é muito boa para uma estrada simplesmente, e que não pertence a povoações ou vilas, que lhe proporcione fregueses.

A baixela é bastante decente, e os talheres, de prata, são no meu parecer, um dos luxos da casa, e que seria de notar se os não apresentasse.

Bom gastrónomo é aquele que desprezando luxuriosas iguarias, e que não sacrificando a moda, enche o ventre daquilo que mais lhe agrada; ora todos os meus *covi-andantes* são bons gastrónomos, e com especialidade C., que é capaz de jantar unicamente sardinhas, com tanto que estejam bem salmonadas.

C. mandou vir chá e café; desemalou um bom presunto de fiambre, e depois, partido, cada qual o devorou com furor, e mostrando-se com forças para dar cabo dele inteiro.

Um inglês não me tira a palma a tomar chá; o chin não me deve disputar a glorição, sob pena de derrota.

Bem esteja Schedeli, que nos ensinou as virtudes do café; deste sublime decoeto dizia um poeta árabe:

«Ó café! tu dissipas todos os cuidados, a ti os votos do homem dado ao estudo! O sábio que saboreia a taça onde borbulha a sua esperança é o único que conhece a verdade.»

Bebo duas chávenas de café, uma de chá, comi quatro tostas com manteiga, devorei um pastel.

Para proveito do estalajadeiro, homem de largas dimensões, e para alegria dos futuros candidatos a viagens em Braga, declaramos que a estalagem vai ser aumentada com novas comodidades e que há ali uma *senhora*, que sempre risonha, sempre espirituosa, serve à mesa aos gastrónomos e aos que o não são. É por

.....  
<sup>2</sup> Vide a Peregrinação sobre a face do globo.

isto e por o bem cozinhado que se observa que damos preferência a esta estalagem sobre a de Vila Nova; lá, é um rapaz, cujo retrato havemos de dar ao leitor, que nos consome com as suas pieguices e pretendidas *chalaças* de bom gosto; aqui a «tia de Melgaço», benévola por costume, afável por carácter e risonha por necessidade. Muda os pratos, põe diante de nós guardanapo e talher com toda a amabilidade que possui; desperta deste modo o apetite mais obtuso e concorre poderosamente para uma boa digestão.

Tinham dado sete horas quando descemos a estalagem. O *género humano* subiu o carroção; a jumenta carregada com o corpo da criada, que *enjoava*; os moços tomaram a posição necessária, a locomotiva principiou a mover-se para Vila Nova de Famalicão.

### Apontamentos de viagem – V

*Suplícios e martírios do viajante em carroção. Penosa situação do autor. Loucura de uma proposição tida por axiomática. Excelência dos barcos das padeiras de Avintes. João de Barros e o Clarimundo. Um autor moderno. A realidade vale mais que a esperança. A caravana aporta com feliz sucesso à estalagem de Vila Nova.*

Apesar de sairmos da Carriça pelas 7 horas da manhã, ainda os meus circunstantes se entregavam ao sono; tanto pode Morpheu, ainda sobre as propriedades do café e do chá!

A minha condição naquela actualidade não era para invejar; antes pelo contrário, enfadava e indispunha. A. L. deitava a cabeça sobre o meu ombro, que, magoado pelos sofrimentos da noite antecedente, mal podia com tal carga, que gratuitamente sopezava; os meus pés faziam concorrência aos de J. L. a um pedaço de carrão; os deste pareciam dar-me homenagem como se fazia aos reis portugueses com as mãos; eu era rei: porém, contudo estimava apeara-me desta grandeza ideal e quiçá imaginaria. Mas como levar a efeito esta vontade muito justa, este desejo de supliciado? J. L. fazia momices que o sono exigia; outra pessoa afligia-me com um ombro, junto de tal modo ao meu, que quem assim nos visse julgaria que tinha diante de si os dois gémeos Chang e Eng, que tanta admiração causaram a todo o mundo; alguns chapéus pendurados do tecto do carroção serviam-me de véu. Mas como sair deste caixilho vivo?

Compreendi então o suplício de Tântalo; queria fruir um prazer, que tão vizinho estava, e os meus companheiros serviam-me de estorvo! Mas como gozá-lo se C. atrancava a portinhola com toda a sua bojuidez?

Se a inquisição ainda existisse (*quod a nobis Deus avertat*) e algum malvado inquisidor me acompanhasse havia certamente de inventar um novo género de suplício, não menor que qualquer dos que temos notícia.

Pardiez! Até que a final o meu amigo J. L. abriu um pouco as pernas e pude embetesgar os meus pequeninos pés até ao outro lado do carroção; mas com o desenvolvimento da perna o ombro abateu-se: a cabeça da A. L. desceu um pouco até ir dar no meu joelho, e fiquei com estes movimentos desagradáveis numa posição bastante irmã e com o mesmo carácter de terrível que a antecedente!

Tenho ouvido dizer como doutrina corrente e quase axiomática, que as situações violentas são pouco duradouras; protesto com a solenidade própria de um deputado contra tal proposição, que tão louca e infundada é! Saibam pois esses fazedores de amencias, que o autor desta mui lida obra os vai desmentir com um facto frisante, contra o qual não valem nada as mais enramalhadas razões.

A situação violenta em que o autor se achou foi constante por todo o tempo que é necessário para que dois bois puxem um carroção desde a Carriça até às imediações da Barca da Trofa; e sabem porque não durou ainda mais tempo? Não, senhor.

– Pois vão-no saber sem detença. Antes de partirmos da Carriça havia o Sr. C. destinado que havíamos de descansar na Ponte da Trofa e vogar um pouco no rio que atravessa. Ora eu ia muito incomodado, muito inquieto por a instabilidade de condição; por isso, logo que julguei ser passado o tempo necessário para que os bois tivessem tirado a carga até 18 léguas de distância (um tal suplício faz novemplicar as distâncias segundo um cálculo assaz exacto), alonguei os pés, movi todo o corpo, e então J. L. entreabri os olhos com o movimento, que o impressionou todo; eis chegado o momento necessário, pensei eu com as minhas pernas = Estamos perto da Barca = exclamei com voz estridente; A. L. acordou, bem como C.; repeti o brado com igual diapasão, e daí a pouco via-se a ponte; por intimação de C. todos desceram do carroção.

Embracei-me com A. L. e lesto caminhei ao longo da ponte a demandar com os olhos um pequeno barco ou escaler que nos conduzisse pelo rio abaixo; mas, ó dor! nem um só barco, nem uma só jangada, nem esperanças deles. Eu, que digo mal, que faço verrinas contra os barcos das padeiras de Avintes, porque não têm comodidades suficientes, almejava agora por um singelo batel, por uma mal segura canoa com dois remos para descansar das fadigas e sofreres passados! Castigo do Diabo, que aflige continuamente os homens, não de Deus que se compadece e perdoa!

Fiz verrinas, apontei catilinárias, amontoei tudo isto contra o mau gosto de todos os viandantes; se os caminheiros viessem vexados como eu, saberiam quanto é agradável vogar um pouco num manso pego, espriar a imaginação obtuzificada, pelo oscilar do carroção, na árvore, que assombra o rio, no rio que serpeia os montes; nos montes, que desenham o barco e a barqueira; na barqueira que nos sorri quando a miramos, que abate os olhos quando a fixamos.

Desta semi-poesia não curam os viandantes; encher o ventre com iguarias, isso sim; pois se os homens de hoje não lêem as poesias, que falam no ciciar da brisa, no correr do plácido regato, etc. etc.

Deixemos recordações misantrópicas, que me atagantam excessivamente, e enfiem a agulha que cose este livro.

Fiquei desapontado! passados cinco minutos na distensão das pernas e na passagem da ponte, tomamos a atafulhar o carroção com os nossos corpos.

Nesta pequena viagem de duas léguas tiveram os outros senhores a bondade de irem acordados e colocados de modo, que não apoquentassem os parceiros. Senti um enjoamento; tentei saltar para sobre a jumenta, mas vi a criada, que toda alegre e concha zurzia a minha esperança com uma varinha de carvalho.

Lembrei-me então de João de Barros que diz no Clarimundo (é num dos primeiros capítulos porque não li além do quinto): esperança, companheira enganosa de todos os humanos, sem nunca lhes dar o bem descansado.

E este antigo romancista achou em mim mais aprovação que um célebre historiador nosso quando disse que a esperança vale mais que a realidade; ou a expressão é muito poética ou eu, afeito à comezinha prosa, não a entendo; na teoria será uma proposição divinal, na prática não passa de um ouropel; antes quero ter muita sabedoria, que esperança de a haver; antes muito dinheiro, que esperança dele; durante ela sou um estúpido e passo necessidades. A esperança é muito para os poetas e a realidade é muito para os prosaicos.

Aquela jumenta corroborou as minhas ideias; tive de caminhar a pé encostado a um varapau de cana do Brasil se não queria *lançar carga ao mar*; ora na tábua, como, um lacaio, ora assentado como um garoto com a cabeça encostada para que o não vejam, ou indo na pista do carroção andei aquelas duas amargas léguas, que sempre me hão-de lembrar.

Acolá está Vila Nova, gritei eu, vendo os cumes das casas; meia hora depois achava-me na estalagem de Vila Nova de Famalicão, a única da terra a não contarmos outra que se encontra no alcance de um quilometro daquela, pouco mais ou menos.

A estalagem da vila denomina-se Real ou seja para não pôr medo de incômoda, como o Cabo da Boa Esperança, ou para estar em harmonia com as estradas reais, que conduziam para ali, antes da organização das diligências; tem vista para o largo em que têm lugar as feiras; faz ângulo para a rua Nova de Santo António, que é comparativamente tão comercial como a do Porto; lamenta-se e registra-se com desprazer que não hajam luveiras naquele vulcão de chitas, arroz, bacalhau etc. etc.

## Apontamentos de viagem – VI

*Continuam os martírios do viajante em carroção. O autor feito em pó. O que são 20 minutos para um viajante. Dissertação de A. L., que atagantou imensamente o autor. Uma pouca de louça vencendo Santo António. Um ilustre servo, que faz rir os homens e chorar a natureza. O autor propõe-se a batalhar, julgando revolução uma garrafa de cerveja. Inconveniências nascidas do desferramento de um boi. O autor declara-se candidato a deputado. Principais artigos do seu nobre programa. S. Tiago da Cruz, etc. Lichnowki.*

O sol estava quase tocando o seu zénite: achava-me todo empoeirado por dentro e por fora; tirava a custo a respiração pelo esófago coberto de poeira, que invadia os brônquios e penetrava os pulmões; as botas, tão engraxadas ao sair do Porto, que, à mingua de outro, podiam servir de espelho, estavam completamente conspurcadas; os vestidos, que envergava eram uma nuvem de pó; urgia sair deste miserável estado.

Entre na cozinha, pedi ao primeiro moço que encontrei uma escova de fato e outra de botas; imediatamente a recebê-las bati o casaco e achei-me rodeado por nuvens esbranquiçadas; como tenho a formosura de Juno transformei mentalmente a escova em ceptro, o *bonnet-noir* em coroa, o casaco em fuso e maçaroca; mas a voz de A. L. repercutiu nos meus ouvidos; lembrei-me então de que a realidade pintava-me pobre viajante em carroção, que podia exclamar com entono dramático, à guisa de Procida: «*Quels tourmens j'ai soufferts dans ces longs voyages.*»

Depois de socorrer-me a bochechos de água para lançar fora a poeira invasora, e de concertar o meu *toilette*, entrei a sala do jantar em que os outros estavam, mergulhados em queixumes e lastimosos da sua sorte, porque o jantar devia tardar 20 minutos.

E sabe o leitor o que são vinte minutos para um viajante empoeirado, esfaimado, antípoda dos consolados?

São vinte anos de vida regular, dez milhões quinhentos e doze milhares de minutos!

Acompanhe a tardança do jantar da trupida dos carros, das chiadeiras dos eixos, das conversas do povo da aldeia com vozes candidatas a basso e a tenor; verá então que os 20 anos a que elevei os 20 minutos não é conta muito desarrazoada, mas própria de quem estudou Bezout e Francoeur, de quem se martirizou desde a adição e subtração até às elevadas teorias das raízes imaginárias e expoentes negativos.

A brisa que corria pela janela pouco agradava; o sol, que batia de chapa nas ruas da vila, tornava um passeio em loucura; a estalagem não tinha que ver; livros não havia outros além do das contas do estalajadeiro, que era todo uma dissertação bem acabada contra o Madureira; que havia de fazer? Dei figas aquela estalagem, discursi ex abrupto contra os criados; dirigi-me intencionalmente para a janela; a sorte estava lançada; corri fado de abismo em abismo, como se fora um lobisomem.

A. L. estava na varanda: depois de trocarmos algumas frases destituídas de interesse para autor e leitor, entrou na vila um renque de carros tirados por bois; chiavam infernalmente: eram o reino de Sumano posto ao sol!

Então A. L. travou-me do braço e fez uma dissertação sobre os búfalos e as vantagens que proviriam da sua introdução em Portugal; falou do actual governo; maçou-me com um trecho da história de Napoleão; item com o novo artigo de receita, que resultaria do comércio daqueles animais.

Eu estava disposto a oferecer dois rosários a Santo António para libertar-me destas angústias, quando o *tim tim* da louça para o jantar fez o milagre, roubou ao taumaturgo português a oferta de um piíssimo devoto, e cortou o fio do discurso ao incomparável economista agrícola; fiquei tão contente como o garoto sorrindo para o pião que gira admiravelmente.

Colocados a postos, cada qual cuidou de si e o moço de todos. Os pratos corriam mano-a-mano; num abrir de olhos esvaziavam-se os copos de cristal, continentes de portwine falsificado; o criado cuidava em não quebrar a baixela, melhoria da casa.

Este ilustre personagem é um rapaz de estatura menos que mediana, encafuado em uma quinzena de cotim, que lhe desce dos estreitos ombros até pouco abaixo da cintura, com privilégio de carvalho secular; as pernas, que não são mais de dois troços de couve, cambaleiam dentro de uns cilindros também de cotim, que bem aproveitados chegariam para dois pares de calças mouriscas. A fisionomia deste jovem foi certamente copiada de um quadro de Hogarth; o nariz tem semelhanças com um tubérculo de beterraba; os olhos quase sempre esgazeados vão atravessados esconder-se debaixo das polpas caídas da testa pouco mais alta que meia polegada; os cabelos pretos adornam-lhe a minguada cabeça, e quem os vê assim indomáveis pela escova e pelo pente, crê-los-á tão duros como crinas de onagro.

Embirrei completamente com este rapaz que se mete de gorra em todas questiúnculas, dizendo sempre necedades com pretensões a graças; mete as mãos nos bolsos da quinzena e empertiga-se todo perante a menor ordem; não lhe falece cuidado de dizer quatro asneiras quando traz a conta das despesas como quem quer conquistar uma de seis ou de doze; imagine-se que de pragas não rogará o bichinho se os hóspedes não lhe aumentam as finanças.

Este Sr. Manel Zé não pode escapar ao escarpelo crítico de um colecionador de tipos, porque o é da fatuidade e do pedantismo; servia muito bem para entrar como ínfima personagem numa comédia togada ou tabernaria, ou para cantar a ária de D. Bucéfalo com aplauso de ferraduras; fala com toda a sem-cerimónia e incivilidade. Já me esquecia que visto pela parte posterior dá ideias de quem deixou a tripeça e a sovela.

A estalagem de Vila Nova fornece aos hóspedes umas virtualhas sem sal nem adubo, que troca por bem erguido preço.

Ora o Sr. C., em matérias de bom gosto e culinária, ninguém lhe deita água às mãos, e por isso não se calou diante do mau paladar dos cozinheiros; estava o criado de mesa discursando com grandes aplausos dos judiciosos ouvintes, quando C. o apostrofou do seguinte modo:

– Qual é a causa porque não há na estalagem um criado ciente dos seus deveres?

– Olhe, meu senhor; saiba V. S.a que a falar-lhe a verdade nem por isso há cá agora grande coisa; o melhor moço que cá havia saiu porque não tinha bom paladar, mas cozinhava bem.

C. ruminou por muito tempo este enigma, e ainda hoje o não decifra.

– V. S.a que tal acha essas costeletas?

– Não presta, responde C.

– Pois são da melhor costela que o carnicheiro tinha, asneou o inclassificável animal batendo palmadas nos bolsos.

Findo o jantar J. L., A. L. e eu houvemos por bem descansar em moles colchões, que lombrigamos ao través das vidraças de uma alcova: adormeci na paz do Senhor, ou melhor, dormitei, e mais dormitaria se me não despertasse um estrondo como de vidros ao cair; descí da cama num pulo, empuxei os 2 irmãos, abri as portas, e tencionava mostrar o meu esforçado valor na mais violenta luta que se travasse; mas ao ver sair a espuma de uma taça de vidro, logo previ que o estampido fora causado por uma rolha expelida pela fermentação da cerveja até quebrar um copo de cristal supertino: assim o indicavam as relíquias daquele

excelente artefacto espargidas pelo soalho. J. L. e A. L. vieram sobressaltados após mim. Cada um de nós sorveu aquele excelente refrigerante, colaborador da digestão.

Já nos propúnhamos a sair, quando o *black knight* inteiramente açodado veio dizer-nos que um boi estava manco, e era necessário deitar-lhe um canelo!!

Passados 15 minutos, segundo os melhores cronómetros deixamos, a vila e continuamos a nossa viagem.

Estou trabalhando acremente para sair deputado nas próximas eleições; juro desde já que o primeiro e principal artigo do meu programa é: lançar fora os bofes até que Vila Nova de Famalicão mude o nome em Vila Nova dos Famelicos em comemoração da hedionda magneza do Sr. Manel Zé e dos bois que ali se matam; outrossim farei um projecto para a introdução dos búfalos em Portugal em atenção ao meu caro amigo A. L.

Saímos de Vila Nova pelas três horas da tarde debaixo de um sol ainda abrasador.

Ou fosse pelo desuso, ou porque jantara ainda há pouco, o balouçar do carroção revolvía-me o estômago e bons desejos tive de me bifurcar na jumenta; mas assim que olhei por sobre a arca de Noé e a vi já carregada desapareceu forçadamente a vontade; tirei das bolsas do carrão um número a esmo da *Revolução de Setembro*, mas logo o depus porque não sei de economia política; remexi outra vez e sucedeu o mesmo.

O último recurso era caminhar a pé; pedi a A. L. que saísse a tomar um pouco de ar livre, assaz rarefeito dentro do carrão; abrimos a grande porta desta casa movediça e pusemo-nos a caminho.

Esperam certamente os leitores que lhes fale e descreva S. Tiago da Cruz, as suas colinas, a igreja de Nossa Senhora dos Aflitos e os fornos; pois enganam-se, mas é necessário dar-lhes satisfação condigna.

S. Tiago da Cruz não fica em a nova estrada; apenas se vê por entre as tranças das árvores, e parece estar num local enterrado em montes.

Pelo que toca à igreja de Nossa Senhora dos Aflitos, não vi fornos alguns, mas somente uma capela e, junto, uma casa, habitação provável de algum padre e da infalível ama.

– E porque não foi V. S<sup>a</sup>, diz o leitor, através os pinheirais para nos expor como em painel de boa pintura os costumes dessa gente?

– Tem razão, Sr. leitor; tem razão, senhora leitora: peccavi nimis: truz, truz, truz; mas para que me não julguem de pecadoraço tomo a liberdade e ousadia de lhes dizer que não havia de mandar fazer alto a carroção alheio, nem embrenhar-me por aqueles matos, por onde as cobras passeiam em todos os sentidos; porém «si tantus amor cognoscere» aqueles sítios remeto-os para as – Recordações do ano de 1842 – pelo príncipe Lichnowski, verdadeiro copista dos apontamentos fornecidos por amigos e chapado cortesão de Costa Cabral.

## Apontamentos de viagem – VII

*A estrada. Casaca e chapéu dos morgados da aldeia. As bodegas. Feliz chegada à preclara cidade de Braga. Romantismo da hora das Ave-Marias. Cantar de galegos convertido em terços. Rótulos das casas de Braga. A estalagem do Transmontano. Xavier de Maistre. Os sinos. O autor faz as vezes de sapateiro.*

As estradas na aldeia oferecem um espectáculo não menos elegante, senão mais, que as ruas do Porto; julguei assim, ou porque prestei mais atenção àquelas, ou porque o hábito de ver estas as tem tornado para mim destituídas de sal.

Caminho de Braga, vai um pobre viandante com um cesto de pêras enfiado num pau e nele as chinelas; outro curva-se debaixo do peso de uma canastra de fruta e ovos e pende-lhe da mão um taleigo continente da



refeição neste dia; dirige-se para o Porto, onde é esperado com saudades pelos parentes, se não são ricos, ou repellido por eles e mandado acantonar junto aos cavalos, se são taberneiros de outrora, crismados hoje em viscondes ou rapazes do Minho, que, depois de viajarem pelo Brasil, vêm para a amada pátria alardear riquezas e nobrezas, querendo meter num chinelo os que os viram de coeiros rotos e repletos de fome.

Um rico lavrador dirige-se para os seus solares cavalgando numa égua bem pensada, e que arremeda as horsas; uns coleirinhos pontiagudos vão trepando pelas faces acima, até se debaterem com as minguadas abas do chapéu e incomodar-lhe a vista; este último adorno é um tronco de pirâmide cônica, debruçado para as ancas do cavalo e olhando para a casaca, verdadeira jaqueta curta, de cujas costas pende um trapézio de pano rasgado ao meio; o colete, de cetim de cor, semeado de flores, é um indispensável para esta gente, bem como um lenço de seda preta contraindo-lhe o gasnete de maneira que a comida faz estrondo ao passar aquele estreito canal.

Ao lado deste morgado da aldeia vai a esposa amável, saltando vaidosa sobre a cavalgadura congenial com a do marido; orlando a saia de chita com flores estampadas, vê-se a aba do saiote vermelho avivada de verde; o esposo ri-se para a *companheira*; mostra-lhe um pequeno rolo, que desembrulhado deixava ver 4 côvados de chita para o baptizado de uma afilhadinha muito rechonchuda, e lá se introduzem por esses atalhos e trânsitos denominados certamente por irrisão, estradas reais.

Estas vias de comunicação provam exuberantemente, que os antigos reis se entregavam pouco ao gozo de viajarem no seu país: de contrário, mandá-las-iam consertar com intuito de que os cavalos não os lançassem por terra; muito bem, disse Garrett nas suas Viagens: – «eu hei-de propor, que cada ministro seja obrigado a viajar por este seu reino ao menos uma vez cada ano, como a desobriga». Seja-me lícito acrescentar: e se não provirem às necessidades reclamadas pelos povos, sejam obrigados a servir por um ano em casa de um agricultor como moço de lavrada.

Viam-se ao longe nos bosques alguns jericos desajuizados e infrenes, que apesar disso serviam muito bem para me conduzirem a Braga.

Aqui e ali vê-se uma cabana isolada, em que habitam ordinariamente os senhorios dos campos vizinhos, ou os pobres, que vivem do cultivo de uma pequena jeira de terra, e da receita das esmolos dos lavradores comparoquianos; estas cabanas são cobertas de colmo ou de telhas mal juntas e cheias de taliscas, por as quais sai o fumo, que, depois de fazer espirais, vá perder-se nas nuvens ou introduzir-se pelos campos; em continuação do telhado, vê-se uma ramada muito densa que encobre os raios solares.

Pela estrada há algumas bodegas em que se vendem chanfanas, aguardente, etc., que, em lugar de apagarem a sede ou saciarem a vontade, provocam a indigestão.

Alguns homens carvoejavam com pequenos montes de lenha, cobertos de terra, e os rapazes que os cercam, saltam para a estrada logo que vêem caminheiros, e perseguem-nos muito tempo até receberem a esmola ou alguma bordoadada assente nas costas pelo fatigado viante, em troco de foro de fidalgo ou morgado, que eles verbalmente lhe dão.

Os passarinhos pipilavam nos densos bosques, casando o seu cantar com a melodia e variedade deliciosas, arrobadoras da alma nestes lugares isolados; ao pé do canto alegre do pintassilgo gemia a rola saudosa; nem o uivo do lobo nem o sibilo da cobra amedrontava estes cantores, como a nós homens, apesar dos dotes com que a natureza nos enriqueceu; o estampido do tiro apenas os fazia descansar por um pouco, e recomeçam alegres saudando o cair da noite.

.....  
Hão-de-se lembrar que eu e A. L. caminhávamos pela estrada; logo que descemos o zig-zag julgamos que já era tempo de descansarmos; mas afim de não acordarmos os cinco dormentes viajantes em carroção, fizemos assento na tábua traseira do veículo; depois de passada uma longa estrada, começamos a ver algu-

mas casas juntas, indício certo das vizinhanças de Braga; daí a meia hora entrávamos a Augusta e Invicta Primaz das Hespánhas.

Chegamos a Braga com o toque das Ave-Marias.

Esta hora é muito romântica, muito poética, principalmente para os feridos por Cupido; depois de se vestirem com os melhores adornos, saem de casa e dirigem-se para as ruas por onde as grisettes costumam passar; introduzem-se nos portais, e assim que as ouvem falar sorvem o charuto e inopinadamente lançam um bochecho de odorífero vapor à cara das pobres raparigas, e assim principiam os amores. No Porto acontece isto frequentes vezes; em Braga são três os fins que as grisettes miram com a deposição da agulha e do trabalho: murmurar, namorar, rezar o terço.

Ora as janelas desta antiga cidade, rival de Toledo na propagação da Fé, não têm vidraças, mas sim rótulos levadiços; quando assomam à rua algum cavaleiro ou veículo, toda a rua se põe às janelas para verem se lhes são estranhos; se afirmativamente procuram logo saber em que estalagem pararam, e aí vão inquisidores acobertados com o infinito capote haver conhecimento da qualidade dessas pessoas.

Ora não é de espanto que as *grisettes* ou outras quaisquer mulheres usem do seu dom ingénito, a curiosidade; maravilha, porém, que os homens, donos de lojas, ou passeantes, ou artistas, se assemelhem às mulheres; o lojista pára no seu mester de fazer sacas de papel e de pesar arroz para conhecer os novos habitantes temporários; o taberneiro dá à torneira, e suspende o fio do vinho que corre, para alaiar a estalagem em que pernoitam os recém chegados!

Aquela gente de Braga deve de ser oriunda dos Tupinambas ou de outros povos, que se horrorizavam e tremiam como vimes com o aspecto elevado de um Europeu, com o estrondo de um tiro etc. etc. Ainda há-de vir ao mundo algum historiador que atravessando os séculos vá achar o primeiro elo da genealogia dos Bracarense entre os indígenas do Brasil ou de Lilliput; não sei como têm nascido de pessoas assim morigeradas mancebos de talento esperançoso, velhos sábios e donzelas civilizadas, que hoje se notam na antiga capital dos Suevos.

Por entre fileiras de murmuradores e de vistas perspicazes, ao través dos rótulos, protectores da hipocrisia, fomos caminhando até à rua do Souto; apenas entrei nela ouvi um ram, ram, como de cantar de galegos em fontes do Porto; se não passara por tais desarmonias ficaria naquela firme persuasão.

Teria dado trinta passos quando os galegos se transformaram em caixeiros e donos de lojas, que sentados em bancos ou encostados às padieiras entoavam.... cantavam..... fungavam aquilo, que chamam terços! São desnecessárias mais explicações; todo o Portugal tem notícia desta melopeia fanhosa, tão indecente e anti-civilizadora como a missa do galo.

Depois, passamos várias ruas cobertas e apinhadas por homens de capote; à primeira vista julga-se que Braga é a terra das conspirações, mas sabe-se deste erro logo que se vêem janotas, padres, artistas, etc., encapados todos em longos e abundantes capotes; é um vestido tão usual como as calças; nem o próprio verão afugenta as capas do costado dos Bracarense.

Chegamos a uma casa modesta na aparência, de que pendia uma tabuleta, avelhentada e conspurcada de lama, rezando assim: = Estalagem do Transmontano. = Subimos as íngremes e mal seguras escadas, entramos num quarto de módica aparência, que comunicava com outro; o cheiro de raposinho sentia-se bem, mas o Sr. C. tinha destinado este quarto para A. L., J. L. e para mim.

Pousei a pequena bagagem na primeira cadeira, que encontrei, e saudei o leito com as palavras de Xavier de Maistre:

Ó leito, móvel delicioso em que esquecemos durante metade da vida os pesares da outra metade, que nos vêes nascer e morrer, teatro variado em que o homem representa dramas interessantes, farsas grotescas

e tragédias espantosas, berço guarnecido de flores, trono de amor e sepulcro, dá-me o descanso apetecido que há dezassete horas não fruo!

Despi-vos vestidos, descobre-te colchão de penas, deita-te corpo lacerado!

E a acção acompanhava as palavras; tão magoado estava com a longa viagem, que, sem galicismo, se pode denominar jornada!

O colchão era de penas. O leito de pau do Brasil tinha nos vértices dos ângulos quatro colunas, que subiam a cinco palmos do colchão e suspendiam um cortinado de casa branca com flores de seda; tinha esculpidas e douradas as armas da Inquisição, indício de que já pertencera àquela instituição; defronte deste havia um outro leito de iguais dimensões, mas de magras comodidades: um espelho sustido numa comodazinha serve de toucador: uma mesa coberta de encerado quatro cadeiras, um lavatório completavam a mobiliação deste quarto aonde repousava A. L., J. L. e R. de F.

Os sinos de todas as torres acardumadas na cidade ouviam-se na estalagem, badalando mais desarmonicamente que os alunos da aula de canto. Braga parecia uma só torre.

Verdi compôs *Átila e Macbeth*; Donizetti é o autor de *Lucrecia Borgia* e de *Torquato Tasso*; Thalberg, Paganini são incontestavelmente dois grandes génios musicais; Gasparini toca bandurria como os anjinhos; os sinos de Braga, porém, estão acima disto tudo e quase rivalizam com a gaita galega; para se imaginar o barulho que fazem, ouvidos a trezentos passos da cidade, é necessário reunir todos os ferreiros do mundo e concentrar as fúrias de todos os mares.

Quando me levantei já o dia raiava há muito; cuidei primeiramente de escovar o fato, e ia para chamar o criado quando uma cara de fuinha abriu a porta e depôs no soalho as botas de A. L., espelhando de luzidias; mandei ao rapaz que levasse as minhas e as engraxasse nitidamente; mas ou o tratante não mentia, ou mirava mais altos interesses servindo outros hóspedes; o certo é que me disse com voz adocicada à força: «Acabou-se a graxa.» (!!)

Dei-lhe com a porta na cara e fiquei desorientado com a ideia de mal figurar nas ruas de Braga como se fora algum parvalheira; nem sequer me lembrei de as mandar a um sapateiro! Tão alucinado estava!

Tirei um lenço velho de entre a minha bagagem, deitei água numa bacia, molhei a improvisada escova e dentro em pouco dei às botas um lustro pouco inferior às de A. L.

Depois de ter almoçado a parte da caravana, alojada debaixo dos tectos da estalagem do Transmontano, cada qual tomou rumo que lhe aprouve. A. L. e eu, depois de nos vestirmos com as galas mais douradas, que encontramos nas bagagens, descemos a estalagem, atravessamos o fim da rua de S. João, ganhamos a de S. Marcos e assim fomos andando até colocarmos estes embrulhos animados no Campo de Sant'Ana.

### Apontamentos de viagem – VIII

*Pensamento grandiloquo. O autor e A. L. são dois grandes homens. Em que se diz que um rótulo pode salvar de uma violenta crise. Discrição dos cafés de Braga. Teoria e prática das vantagens resultantes de um café. Garrett e Francisco Gomes de Amorim. Falta de chocolate nos botequins de Braga. Fim do oitavo capítulo desta obra mui digna das honras do cedro e do carvalho.*

Os grandes homens têm na sua vida momentos cheios de perplexidade e irresolução.

– Belo e original pensamento capaz de me granjear subida fama! (mais batido que os rochedos pelas ondas).

Ora que eu e A. L. somos dois homens de elevado mérito, dois protagonistas de um grande drama, não é necessário que o digamos ao leitor, ciente e convicto desta verdade, por nos ter visto atravessar (em papel)

os mais inacessíveis trabalhos com a valentia de um lusitano como Viriato; sair das mais enredadas dificuldades em que nos temos emaranhado para chegar ao fim destinado, à terra da promessa, com a vivacidade e firmeza do grande homem Corso, e fazer coisas do arco da velha; como, por exemplo, sacudir a poeira dos botins, engolir de um trago um copo de cerveja, etc., etc.; coisas estas, que não seriam condignamente recompensadas com uma comenda da Conceição, neste tempo em que está tão divulgada e vulgarizada essa mercê, que talvez ainda se veja (se hoje se não vê) em peito de compradores de escravos brancos por tirarem à fome três dúzias de vítimas (!!)

Foi por aquela razão que depois de sairmos de casa e de nos acharmos no campo de Sant'Ana ficamos perplexos não sabendo qual o rumo que devíamos seguir; fizemos reciprocamente esta pergunta «Para onde vamos?»

Esta apóstrofe é muito superior às questões parlamentares mais intrincadas e mais emaralhadas, porque em Braga não há mais que dois passeios públicos (até mesmo do gado suíno) que já tínhamos visitado há dois anos, e a cidade tem pouco que ver para quem não gosta da arquitectura gótica ou de ouvir = Dominus vobiscum. =

Eis aqui dois homens mudos, e quedos debaixo dos arcos de Nossa Senhora da Lapa, sem terem uma distracção, que lhes amanse a atrabilis.

Um singelo mastro de navio tem salvado muita gente do tridente de Neptuno; a presença desejada de uma rapariga tem tirado do duelo são e salvos dois rivais, que disputam a glória de um dia e a amargura de 50 anos; pequenos reforços têm salvado grandes exércitos e pleiteado a defesa de grandes cidades; um só homem tem salvo seus concidadãos, etc.; tudo isto são páginas deste ou daquele romance e esplêndidos traços no painel da vida humana; mas o que é original e ofuscador de todos esses brilhos é que uma tabuleta nos viesse livrar de tão medonha crise!

Estávamos olhando ao redor, procurando lombrigar desvio desta situação, mas era busca da agulha em palheiro; farejamos, farejamos até que a final vimos um rótulo que dizia = café e bilhar: = correr para lá e entrar naquele mar magnum de poeira foi obra de um momento.

O café é situado no primeiro andar, o único do edifício, se bem me lembro; entramos para um sala mobiliada com um bilhar enodado e com três canapés indecentes; 4 decímetros excedem-lhe a largura, mas em compensação deram-lhe 8 de altura; o dono do estabelecimento prevendo que os seus fregueses podiam ter as cadeiras largas e estatura mediana, colocou travessas para descanso dos pés; mas quem torto nasce, tarde ou nunca se endireita; guindaram-nas tão alto, que os joelhos de quem se assenta vêm dar-lhe no peito. As paredes não viram de há muito o pincel da cal, e os tacos manuseados pelas mãos dos ordenandos e *leões* bracarenses, têm-nas esboroado inteiramente.

Já leram a Casa-Branca por Paulo de Kock? Pois saibam que aparece naquele romance um personagem, Robineau, que entrando numa hospedeira, diz para o criado = Traz o que quiseres, = é que se jacta de ir a um baile a casa do barão de Mercy para que todos o respeitem e acatem; talvez que alguém me tache de ridículo e de haver imitado aquele personagem no facto que vou narrar: enganam-se, porém. Robineau tinha muito mau gosto em requerer cortesias; julgava exaltar-se e apoucava-se: eu queria ver as curvas quase circulares que o servo, único do café, me fazia, e o grande respeito que me tributava por lhe dizer imperiosamente = Venha licor marrasquino e doces. = Pedi gazetas do Porto ou de Braga; passado um quarto de hora vieram os jornais..... digo veio o *Nacional* unicamente!! Finda a leitura de todas as novidades, que por sinal não eram muitas, nem de momento, pedi ao servente que me mostrasse o *estabelecimento*: lesto e prompto, conduziu-nos por um corredor a uma saleta ou cela, indigna de receber hóspedes.

As cadeiras, que deviam correr ao longo do soalho, estavam colocadas sobre as bancas; não esperavam fregueses: as mesas davam assento a uma alta crusta de pó; o aposento recebia luz por uma estreita

janela, que deitava para um pátio, imundo passeio público de ratos e insectos; aos lados do balcão em que se preparam as bebidas, encostam-se armários envidraçados, que guardam um enorme cardume de *bichinhas*, *roscas* e *melindres*; as cadeiras têm assentos de pau, cheios de buracos circulares; foi a única originalidade que achei naquela massa informe e indigesta, mascarada com o nome de café!

Depois de recebermos os atenciosos cumprimentos do Sr. João Fernandes, insigne guarda-mor do café janota de Braga, saímos daquela casa, protestando não entrar nela mais uma só vez ainda que estivéssemos três meses em Braga; quisemos saber bem o génio dos cafés bracarenses; entramos em mais dois situados no campo de Sant'Ana e ficamos cientes de que orçavam uns pelos outros.

É necessário que Braga proporcione aos viajantes um café com todas as comodidades; uma terra que o não tenha é moça nova descabelada.

No café parece alimentar-se a imaginação com espirais de vapor que saem da chávena de chá; um atento espectador esquece-se ali de tudo para ouvir a vida, que lá se vive, para analisar esses caracteres tão bem desenhados, que lá se apresentam.

O café é hoje uma necessidade como a das hospedarias; o que é uma terra muito encantadora onde o viajante martirizado corre todas as ruas, e não vê um rótulo que diga – «Casa de comer e de dormir, – uma tabuleta, bem à *la moda*, que indique em letras garrafais um – Hotel, casa de pasto e hospedaria –; onde se não acha um leito ainda mesmo por dinheiro? É um barco sem remos, que não nos oferece os prazeres do rio; é um monte escaldado e proclive inçado de rochedos pontiagudos, de onde se não podem gozar majestosos quadros da natureza; é a lua, que esperamos ver brilhante por toda a noite e repentinamente se eclipsa; é chuva em dia de romaria; é desordem em dia de noivado; é Camões sem os Lusíadas; é António Ferreira sem D. Inês; é Wellington sem a lusa tropa.

Um café é o primeiro passo na carreira da civilização, é a vanguarda de todos os melhoramentos; neste utilíssimo estabelecimento sabem-se as necessidades do país; discutem-se as mais elevadas questões teóricas e práticas, que ocupam os melhores engenhos do reino; lêem-se as gazetas; comentam-se os artigos; põe-se em pratos limpos a crónica escandalosa de toda a cidade.

Se os ministros de estado, se as autoridades e funcionários públicos entrassem nestas casas e atendessem às conversas que ali se travam, às medidas económicas que lá se apontam, achariam métodos para proverem às necessidades do país.

Mas não falamos do café luxurioso como o Guichard ou Portuense; quem entra neles sai com a mesma ciência que tinha e muitas vezes deixa ficar lá princípios são em troca de imoralidades; abastadas heranças em troco dos vícios; porque ali entram somente literatos dandys e janotas, e ter-se-iam por mui dessizudos se viessem à praça aventar ideias diferentes das dos mais conhecidos e populares economistas; ou vadios que vivem somente do jogo.

Não é aí. É ao café, onde só entram artistas e aldeões, muito democratas por natureza, para que tenham pejo de expender as suas ideias em prosa chá como a natura lhas deu.

E não se julgue que aquelas frases destituídas de gosto retórico não tenham um fundo muito para aproveitar. Um artista sabe melhor dos seus mesteres que o ministro com todas as suas teorias; quem tem somente princípios teóricos há-de necessariamente achar neles alguns erros crassos quando descer à prática.

«O café é uma das feições mais características da terra. O viajante experimentado entra no café, observa-o, examina-o, estuda-o, e tem conhecido o país em que está, o seu governo, as suas leis, os seus costumes, a sua religião.»

E sabeis de quem são estas palavras finais? São de uma autoridade insuspeita, do génio mais brilhante da primeira metade do século dezanove, do homem, que consubstanciou em si uma época nova para a literatura,

uma página assaz gloriosa da história literária de Portugal; certamente já sabeis quem é, porque esse homem, depois destas palavras, não se confunde com outro, porque ninguém o igualou: É Garrett.

E um seu discípulo, que bons frutos tirou das doutrinas do mestre, já disse do café o mesmo que o seu preceptor; refiro-me a Francisco Gomes de Amorim, na sua linda obra = Uma Viagem ao Minho. =

É pois um café o meio e o princípio da civilização; quando ela deixar de existir desaparecerão com ela os botequins.

.....  
Depois de passearmos um pouco pelas ruas diminutamente extensas da cidade, dirigimo-nos para a hospedaria; estavam aguardando por nós para darem começo ao lauto jantar, que nos estava preparado.

la-me esquecendo dizer ao leitor que não há chocolate nos botequins de Braga, senão para muitos fregueses na mesma ocasião.

No café da Pipineira, o primeiro em que entrei, responderam-me com a pergunta: V. S.a quer grande porção? Respondi pouco decentemente e segundo a exaltação da bília; ora, em verdade, aquela resposta era muito digna da cachimónia de um bracarense! Nos outros cafés que visitei deram-me uma resposta quase idêntica.

O jantar foi lauto e mostrou-nos o talento culinário dos moços da estalagem; perús, roasts beefs, puddings, etc., etc., formaram a melhor parte das iguarias. A tarde daquele dia passou-se muda de novidades próprias de folhetim: no dia seguinte, muito de manhã, partimos para o Bom Jesus do Monte.

### Apontamentos de viagem – IX

*Partida para o Bom Jesus; dotes de dois bucéfalos, mais soberbos que o de Alexandre. O autor mostra o seu grande talento para traçar planos de viagem. Bom Jesus do Monte. Conta-se que a anarquia fugiu de Sebastopol para a Estalagem Real. Aventura séria. Os parvalheiras. Particularidades do jantar, em que se vê que as ideias da pacificação da Europa são partilhadas por galos e gansos. Narra-se muita coisa mais, que aqui se não diz, afim de que o sumário não se converta em capítulo.*

O dia seguinte amanheceu belo e agradável como um dia de primavera; apenas a aurora tinha metido as unhas no quarto onde habitava o autor desta obra, levantei-me ligeiro, por ser o dia destinado para irmos até ao Bom Jesus. O medo que tive de me ver outra vez dentro do carroção, obrigou-me a mandar alugar um cavalo, A. L. seguindo o meu exemplo, comportou-se identicamente.

Depois de almoçarmos, descemos a estalagem e montamos os bucéfalos, magna comitante caterva de descendentes dos Tupinambas, espantados por verem dois estrangeiros; os sinos tocavam com todo o furor, desejosos de afugentarem de Braga os habitantes sossegados; mas não fogem, não: dão-se muito bem com aquele berreiro; cada terra com seu uso.

São 6 horas da manhã, e o chouto horripilante de dois cavalos faz-se ouvir nas lageas das ruas de Braga; o tigre que eu montava, se não era fantil, tinha ao menos uns respeitáveis ossos que lhe perfuravam as pelhancas, inveja dos mais cadavéricos pareceres; a cabeça batia de quando em quando no meu peito, e besuntava-me o raglan; mas apesar destas tricas levava-se pujante e orgulhoso com a minha carga, como o de La Fontaine; os povos bracarenses olhavam-me com espanto pregado no arção, deslembados de que um literato acabado já leu a = Arte de cavalgar em toda a sela, pelo Sr. Rei D. Duarte; depois de atravessarmos as ruas que cortam a cidade, chegamos à estrada ensombrada por inumeráveis árvores.

A estrada é péssima: não falamos na incúria da câmara municipal de Braga, consentidora de que os habitantes daqueles sítios estorvem a prompta passagem com grandes troncos de árvores atravessados

no caminho: isto é muito vulgar, e um dos caracteres das câmaras municipais para se fazer cabedal de tais ninharias.

É porém de notar que a mesa do Bom Jesus não tenha provido às comodidades dos romeiros e visitantes, mandando consertar à sua custa, ou juntamente com a câmara, os sítios mais escabrosos que oferecem precipício a qualquer sorte de veículos. Deixemos, porém, esta parte da economia para os redactores dos jornais Bracarenses.

Passados poucos minutos, demos de frente com o alto e admirável monumento erguido ao Bom Jesus do Monte,

«Por mãos duras de avós em monumento  
«De uma herança de fé, que nos legaram  
«A nós seus netos, homens de alto esforço  
«Que nos rimos da herança e que insultamos  
«A cruz e o templo, e a crença de outras eras<sup>3</sup>.

Apeamo-nos e passamos as rédeas dos dois bonifrates sédicos do género cavalariço para a mão do arreiro que nos acompanhara; sentamo-nos numa pedra esperando pelo resto da caravana; então pus a imaginativa em acção; abri todas as fontes da sabedoria de que sou mãe d'água; tracei artilharias e magníficas viagens terrestres; fiz parte dos meus elevados projectos a A. L., e a aprovação deste ilustre economista ostentou, patenteou na minha cabeça um grande talento para traçar planos de viagens.

Ufanei-me e julguei simpleses pigmeus todos esses guerreiros, desenhadores de plantas para atacarem o inimigo.

Apenas assomou o carroção ao fundo da estrada, cuidamos em subir o Monte Sagrado, outrora chamado = *Espino* = e que hoje denominam = do Bom Jesus = « em razão de umas ermidas e casas de devoção mui vistosas, que ali se conservam, e agora se reedificou, tudo de sorte que é um dos sítios mais devotos e de recreação que há neste reino»<sup>4</sup>.

Este soberbo monumento tem desafiado a admiração de todos os visitantes quer nacionais, quer estrangeiros; e, em verdade, a elegância e majestade de obra não é para menos. Ao lado da fonte acham-se as árvores para amenizarem aqueles sítios e correrem com os devotos o caminho da via-sacra, despertando-lhes e aguçando-lhes o apetite da devoção e a energia do culto. Ali o coração dilata-se e a mente eleva-se, e os movimentos íntimos sentem-se palmares, e a religião filtra-se no espírito do próprio ateu ao ver o fervor dos peregrinos, que vêm de longes terras cumprir as promessas e votos, sagrados ao Bom Jesus pela sua saúde, pela vida de um carinhoso pai, ou de um extremoso irmão, ao olharem a religião erguida ao mais culminante ponto, brilhante com todo o resplandimento, estreme de todas as paixões.

Consintam-me tirar da harpa tangida por Herculano a cópia daqueles seus maviosos sons:

«Oh! Que viesse, o que não crê, comigo

«E se assentasse aqui sobre estas fragas  
«Escutando o sussurro incerto e triste  
«De santidade e de amor nocturna brisa!

.....; ele chorava,

<sup>3</sup> Herculano, *Harpa do Crente*.

<sup>4</sup> Contador Argote nas suas *Memórias Eclesiásticas do Arcebispado de Braga*

«Qual eu chorei, as lágrimas do gozo.

«De uma ciência vã seu vão orgulho.»

Alguns jardins situados junto às capelas espalham agradável odor, que, por aqueles sítios, se vai casar com a fragrância das elevadas árvores, dos redondos choupos, dos esguios pinheiros e dos seculares carvalhos; a húmida e verdejante relva cresce com os robustos olmos, e a santa água serpeando o santo monte, anima as galas da natureza, mais louças aqui, do que em outra qualquer parte. Braga olha de longe e sorrindo para este padrão glorioso, que lhe acarreta riquezas e a torna menos feia e menos desprezível.

O poeta e o filósofo acham ali objectos do seu estudo; em cada fonte há uma Castalia, em cada árvore uma inspiração, em cada capela um estudo sobre as paixões humanas.

O teólogo vê diante de si as mais brilhantes páginas do Novo Testamento, e acompanha Jesus Cristo em passagens, as admirabilíssimas da sua vida: ali está vivo o Calvário e o Thabor.

O estatuário, que teve a seu cargo as figuras dos Judeus, era um homem bem avesso às ideias de formosura nas faces dos que retratava: quis provar que Polifemo e Minotauro nasceram na Judeia: mas não pintou a coisa muito ao vivo: aqueles dois heróis da fábula tinham de certo menos hediondez que os Judeus do Bom Jesus; uma cabeça bovina espetada num corpo humano, ou um olho em meio da testa, contém menos torpeza de feições; os tais judeus atiraram a luva ao monstro de Horácio e venceram a luta; ao bico da cegonha transformado em nariz, juntai uma boca de meia vara, olhos de mocho, barbas de chibarro e tereis um semblante dos crucificadores do Grande Justo, tal qual se acha nos do Bom Jesus do Monte.

Fomos subindo, subindo, até que demos com a estalagem denominada = Real; este título é certamente muito fácil de adquirir, porque se encontra em qualquer estalagem: a da Vila Nova é real; a de Braga é real; a do Bom Jesus é real! Como viéssemos bastante fatigados de subir tão alta eminência, entramos na estalagem; havia grande jantar no *palácio*; 6 brasileiros tinham destinado aquele dia para cumprirem uma promessa, e juntamente para comerem bem e apetitosamente. Na cozinha andava a rodos a desordem: uns limpavam com o estropalho a louça gordurenta; outros conduziam bandejas cheias de doce para o interior da casa; aquele desaparecia pela escada, que conduz para o subterrâneo, carregado de travessas de beefs e pratos de arroz com costarda; uma moça, bem pouco para desprezar, enchia de vinho os copos apresentados pelos romeiros. Vinho, gritava um, cujo esófago se achava entupido de carne; e os meus beefs, encomendados há um século? berrava outro. Lá vai, lá vai, respondia a moça. Os criados encontravam-se, cruzavam-se, iam e vinham; a anarquia fugida de Sebastopol, veio assentar-se na cozinha da estalagem Real; mais de um covilhete havia espargido o chão com chuva de fragmentos. Esta barafunda não deixava de ter graça e de preparar o estômago para um pomposo jantar.

Pedimos um quarto com 3 camas, e fomos prontamente conduzidos para uma sala bastante espaçosa e esclarecida pelos raios solares penetrando os vidros da única, mas alta, janela.

O primeiro cuidado de um viajante habilidoso é inspeccionar o terreno que ocupa; enquanto A. L. tomava conhecimento do quarto, fui ver o andar subterrâneo.

Passados minutos achava-me junto a A. L.

– Então que viu? perguntou-me ele.

– Cá por baixo há bonitas vistas; fique sabendo que somos antípodas de inúmeros quartos, pequenos como uma cela e ocupados por famílias inteiras, que aproveitando a beleza do dia, vieram encher a barriga e admirar o sumptuosíssimo quadro da natureza; já se sabe que olham para ele como o criado da estalagem para o Grandet – do Balzac.

– Abundam por lá os parvalheiras ou são todos bracarenses?

– Meu caro, há muitos parvalheiras, e é sobre este animal ou planta, que esqueceu a Lineu e a Brotero, que tenciono fazer grandes estudos e escrever num próximo folhetim a anatomia deste bicho; mas não me



hei-de limitar ao estudo dos de cá de baixo: hei-de estudá-los em Braga, que não haver lá muitos. E que me diz do quarto?

– É ótimo: esta janela olha para a igreja e para o pátio; a porta é dificultosa de abrir, mas assim mesmo tem bastante utilidade para fazermos correrias a toda a hora; o que noto é a mingua das cadeiras e a antiguidade da mesa.

– Formidável, exclamei eu, encontrando vários números do Panorama, o Grandet de Balzac, as viagens de Lichnowski e o Fr. Luiz de Sousa, de Garrett, dentro da gaveta da mesa; *my friend* juro-lhe que os leva direitinhos para o Porto, sem mesmo dar parte do achado ao dono da casa, atendendo a que pode cobrir com estas belezas literárias alguns guisados ou metamorfoseá-las em carqueja, e.....

– Está enganado: trouxe isso do Porto para recreio.

– E eu que julgava perfazer com eles 3,000 volumes para a minha livraria?!

Saimos da estalagem para vermos as belezas do Monte, que são em abundância e bem variadas; os campos cobertos de relva, separados por simples bardos, contrastavam com as devesas apinhadas de árvores e o sol que raiava esmaltava a água límpida dos regatos correndo pelas campinas, ajudando a vegetação e a gradez dos armentos; a grácil roseira fornecia às pastoras galas domingueiras, que sobredouravam os seus trajares.

Aqui ouviam-se as folias dos romeiros e do povo da aldeia; os campesinos acardumavam-se ao redor de um tangedor de rústica viola; as raparigas ora dançavam, ora se miravam tez morena, crestada pelo sol, nas fontes que guarnecem a Jerusalém Santa; as mulheres velhas rezam padre-nossos e a conta das camândulas, escoando-se das mãos, anuncia a Gloria-Patri. Os mocetões conversam as aldeãs, e dizem-lhes que têm um coração mais dócil que o de um carneiro, uns olhos mais brilhantes que o pirilampo, os pés mais pequenos que a cabra da campinha, e que o coração lhes arde como fogueira em dia de magustos: depois de todas estas lérias trocam-se os anéis de ferro, e dizem-se os adeuses cheios de juras de fidelidade, etc.

Entramos na igreja; o sacerdote elevava a Deus as suas preces misturada do vapor de incenso, que subia do turíbulo; os nossos joelhos pousaram no soalho impelidos por essa força oculta que nos domina em ocasiões solenes e inocula nos corações a firme crença dos mistérios da nossa religião; mas entre as pias orações dos bons fiéis, lá se divisa um cardo entre as flores que murmura preces.....

«De lábios de impostor, que engana os homens

«Com seu maneio hipócrita calando

«Na alma lodosa da blasfémia o grito.

Quereis saber o que sentimos nas elevações do Monte?

Foi o que disse Cousin:

«L’homme veut savoir, et savoir sans fin. L’homme veut connaître tout l’univers et cette question immense ne suffit même pas encore à l’infatigable activité de son intelligence il veut encore savoir d’où vient cet univers et où il va.»<sup>5</sup>

O que disse Humboldt:

«O carácter individual da paisagem, a configuração da superfície do globo em uma região determinada produz também em nós mais uma espécie de prazer. O que estas impressões de que falamos têm de grave e solene devem-no ao contraste dos limites estreitos do nosso ser com a imagem do infinito, que por toda a parte se revela.»

<sup>5</sup> Introdução à Filosofia do 18.º século.

O que disse Quita:

«Caminhante se queres resistência

«Fazer às ímpias forças do pecado

«Entra aqui, que este bosque é consagrado

«À Imagem da escarnada Penitência.»

Subimos para casa a horas de jantar a fim de espancarmos a fome que desde há pouco nos estava acometendo. Neste banquete houve uma coisa a notar: Os gansos não estorvaram aos galos a passagem da goela, como fizeram outrora na do Capitólio; mas pelo contrário anuindo às pacíficas ideias que hoje dominam os governos houveram por bem viverem juntos no vasto cavername do estômago.

### Apontamentos de viagem – X

*Coisas célebres que aconteceram na ida para casa de M. M. como: beber cerveja e cognac. O autor e seus companheiros continuam a mostrar-se bons gastrónomos. Virgílio reformado. Passagens admiráveis em que o autor se mostra completamente poético. Origem destes apontamentos e grande talento do autor. J. L. é um advogado coisa rara. A chuva estorvando grandes planos. Teoria vantajosa para o bigode. A chuva continua a mostrar-se hostil.*

Como a tarde serena convidava ao passeio, transferimos para ela a ida a casa de M. e M., honrado proprietário das vizinhanças do Bom Jesus: descemos o monte e atravessamos os atalhos que dividem aqueles sítios. A. L. ia perguntando à gente do campo qual era o caminho que devíamos seguir para casa de M.; entre as mulheres campesinas apareceu-nos uma que nos maçou com dissertações intrincadas sobre aqueles lugares, cujo conhecimento se lhe havia coado na alma, como água por coador de brócolos; era nova ainda; nos seus ademanos divisava-se o não sei que distingue as pessoas de esmerada educação; se o tempo fora de sobra e a tarde pouco adiantada, talvez que esta rapariga, George Sand daqueles lugares, fornecesse assuntos para romances longos, e transformasse o andar térreo do *Eco Popular* em páginas agradáveis para as coquetes portuenses; pelo menos o nome da *donzela* era capaz de tudo: chamava-se Elisa.

E que tem o nome?..... Ora, muito obrigado; pois julgam que uma Antónia ou Anastácia, um João ou um Manoel, possa encobrir no peito coisa romântica? enganam-se completamente; procurem e vejam se acham nos romances e novelas alguns daqueles nomes.

Entramos a quinta, batemos à porta da casa e a voz do cão misturada com um = Quem está aí = foi a resposta que obtivemos; disse o meu nome e as portas giraram sobre os quícios.

Depois de cumprimentarmos o nosso estimável amigo, foram-nos servidos alguns refrescos, como cidra, cognac e soda. Meia hora depois subimos as primeiras escadas do Bom Jesus.

Virgílio disse numa parte = labor omnia vincit = e noutra = amor omnia vincit; = estes dois pensamentos reduzidos a equação davam em resultado, amor igual ao trabalho: ora é claro que o primeiro épico latino não era capaz de dizer tal necedade, e por isso julgo melhor fundir num só os dois apotegmas: = amor et labor omnia vincunt. =

Mas a que vem isso? Vem para uma coisa. Lá em cima na estalagem estavam certamente os nossos companheiros saboreando cerveja; o monte é muito proclive e portanto custoso de subir; o céu tinha-se toldado e a chuva caía já copiosa batendo-nos com força: a actualidade era bem pouco agradável.

Ora o amor à cerveja, e o trabalho que tivemos subindo ligeiros o monte, fizeram que vencêssemos tão árdua empresa; se não fora a lida e o sentimento, ver-nos-íamos ensopados em água; uma constipação perigosa deixar-nos-ia doentes por todo o tempo que estivéssemos em Braga; estes apontamentos ficariam por

escrever; a minha glória ia-se com eles; a cerveja ficava derrancando-se nos copos ou ia passar pelo esófago mal gostoso do moço da estalagem. Viva, portanto, Virgílio reformado e o reformador.

Chegamos muito a ponto: o moço lançava a cerveja nos copos; daí a pouco foi-nos servido o chá (já vêm que somos exímios gastrónomos). A noite estava bela e o brilho da lua ofuscava as outras estrelas; o rocío da noite poisava nos rostos, tão agradável em noites cálidas; uma leve brisa soprando por entre as árvores, imitava nelas o zunido da abelha; grande parte dos romeiros procuravam deitar-se no chão, abrigando-se do vento com algumas roupas que traziam, e da frigidez da terra com ramos das árvores; os folgaes ainda se ouviam.

Esta gente era então mais feliz que muitos ricos do mundo, que nem sabem em que hão-de empregar o dinheiro; não pude deixar de dizer a A. L.:

– Digo-lhe que invejo a sorte destes aldeões, que folgam toda a noite, e com isto saciam seus prazeres; olhe a cidade: o homem de lá, envolvido nos falsos gozos que o cercam, ou mergulhado nas desgraças que o atormentam, é incapaz para desfrutar este espectáculo da natureza que alegra insensivelmente os habitantes das aldeias...

– Admiro-lhe o sentimentalismo; está mais poético que nunca; agora percebo bem os cantos de Petrarca acerca de Vancluse; os de Pope sobre Windsor e até os de Metastasio a respeito do chocolate. Isto dizia A. L. com voz essencialmente irónica.

– Não é sentimentalismo: será apenas poesia para quem ainda não viu esta majestade com que a noite nos saúda, este brilho da lua, que, dourando os vidros da igreja e prateando a terra ainda alagadiça com a água de há pouco, parece fazer de este monte o fantasiado El Dorado do XVI século: mas para mim e para si não é poesia nem sentimentalismo da moda: é poesia verdadeira, é realidade.

– Bravo, cada vez melhor; o termómetro da poesia sobe considerável e rapidamente; quer um conselho, compre umas geiritas de terra aqui perto, e venha viver nelas.

– Ah, ah, ah; não caio em tal; as asneiras que faço nunca excedem o quadrado, e essa está elevada à quadragésima potência: retirar-me-ia logo daqui; este espectáculo é belo, mas não afirmo que visto todos os dias possa enfastiar, porque ainda não experimentei.

Detivemo-nos por mais um pouco na janela, impelidos pela voz harmoniosa que uma rapariga soltava ao som de uma rebecca e de uma flauta.

Aquele cântico vindo de entre os bosques alimentava a alma de um extasis, e as mãos do músico pareciam tocar também na alma; é que a música conversa connosco, e desperta-nos da letargia mais profunda; se houvessem remédios para revocar os mortos da sepultura, eu afirmava que a música seria o mais eficaz, ou que pelo menos teria as virtudes da pilha galvanica para tirar aos cadáveres os últimos restos vitais. E a música é, em verdade, uma espécie de taumaturga; quantas vezes o toque de instrumentos guerreiros tem levado à batalha milhares de soldados e a vitória vem depois coroa-los? A donzela desvanece as saudades do que partilhava da sua alma cantando cânticos de amor; é que a música eleva os pensamentos; dá-lhes em cada nota uma inspiração, e em cada canção resume-lhes um poema; é que a música é a tradução mais chegada, não do que sentimos, mas do que quiséramos sentir.

O vento não soprava; as árvores estavam quietas; só a voz da camponesa, entremeada com o som dos instrumentos, fendia o silêncio.

Muito bem, disse Stael: que a música redobra a ideia que temos das nossas faculdades, pois quando a ouvimos nos sentimos capazes dos mais nobres esforços. Na linguagem da música a própria desgraça perde o que tem de amargo, quanto atormenta e quanto irrita<sup>6</sup>.

.....  
<sup>6</sup> Corina, Liv. 9, cap.2º - O autor declara que tudo o que diz respeito da música não se entende com os solfejos da aula de canto; porque não quis falar de sons desarmoniosos que servem tão somente para fazer estanques as sensações agradáveis.

Não é possível existir coração imóvel perante os sons da música; juro que o nome mais bem inventado na mitologia foi Orpheu; quem tinha lira sendo Deus, devia de arrebatá-lo os montes empós de si e enternecer Platão e Prosérpina.

Depois de lermos, eu os números do *Panorama* e A. L. o fim do Eugénio Grandet, estendemos os corpos ao longo dos lençóis de fino linho, lançamos sobre nós as cobertas e a colcha; depois disto somente o sono sabe o que fizemos até às 8 horas da manhã.

A estas horas ergui-me, vesti as ceroulas e as meias e, assim de ponto em branco, dirigi-me para a janela, abri as portas; mas Deus do céu, o firmamento estava coberto de nuvens negras como carvão, prestes a gol-farem chuva e a desenrolarem-se sobre as cabeças dos que patinhavam lá fora sobre o terreno alagadiço.

Ai, meus caros, vœ nobis! o homem põe e Deus dispõe, exclamei para A. L. e J. L.

E na verdade era bem triste para um viajante ver frustrados os seus gigantescos e famigerados projectos, primicias de um longo estudo.... mas a resignação era então a *suprema lex* e a única medida a que socorrer-me; continuei pois a vestir-me ligeiramente, pensando na falência dos projectos humanos que uma dúzia de nuvens acabava de destruir! A chuva era a espada de Damocles, pendente sobre nós e fazendo-nos renunciar os prazeres; era o espectro de Banquo estorvando-nos os gozos pensados.

– Então não vamos a Guimarães ?, disse J. L.

– Quem fala nisso? Respondi, alternando as meditações com sentidos, agudos e tristíssimos ais Jesus; mas apesar disto não perdi a vontade de comer; dirigimo-nos para a sala onde costumava ser servido o almoço; comemos bem como de costume: desta vez não foi o moço que nos serviu; mas sim uma criada por nome Anastácia, que vai ocupar umas poucas de linhas nestes – Apontamentos.

Esta nova personagem podia ter sido uma Vénus ou uma Diana; não afirmamos que o filho daquela senhora não lhe ferisse o coração por uma ou mais vezes; o certo é que hoje está hedionda; as faces sumiram-se-lhe na boca, o luzir do rosto converteu-se em sulcos bastante fundos, que fizeram da sua cara uma castanha seca; os dentes foram-se-lhes, e ainda que os tivesse não lhes viam porque o mento quase que se juntou com o nariz, agudo como punhal de Albacete.

Por informações dadas pela Sr.<sup>a</sup> Anastácia veio o autor ao conhecimento de que a sua heroína tinha sido a drenagem [sic] do amor nos corações de todos os padeiros fashionables d'Avintes, de onde é natural a ilustríssima burguesa; a Sr.<sup>a</sup> Anastácia alimenta no íntimo da alma sentimentos favoráveis à pátria e assim o mostram seus hábitos de fazenda nacional, talhados à moda da sua terra; enquanto a instrução é coisa acabada; sabe ler como um padre (palavras da pessoa em questão) e na sua meninice leu em menos de um ano a história de Theodora, e por um triz que acabava o último *volume* do Carlos Magno; mas a pessoa que lho emprestara fez ablativo de viagem para o Brasil e deixou a Sr.<sup>a</sup> Anastácia no melhor da história!

– Mas para que vem aqui essa enfadonha mulher?

– Para quê? Não lhe chamem enfadonha; a coitada não tinha culpa em ser feia e instruída; enquanto ao lugar que ela ocupa nestes apontamentos é muito elevado. A. L., vendo o carácter ainda não daguerriotipado daquela mulher, sugeriu-me a ideia de a pintar em letra redonda; objectei-lhe que era uma coisa muito sensabórica.

– Mete-se no meio de uns apontamentos em que se descreva a nossa viagem.

– Lá isso sim; mas qual de nós os há-de escrever? Eu não ergo....

– Sou eu, não é assim? Pois tiremos sortes; a preta é de condenação; a branca é de perdão; a pena imposta é escrever uns – Apontamentos.-

Dito e feito; sarrabiscamos dois papeluchos, deitamo-los na copa de um bonet-rouge e eu fui..... o condenado!!

Uma maçã fez de Newton um grande matemático; uma mulher de Avintes fez de mim um literato consumado. Digam-no estes apontamentos. Eis aqui dois pontos luminosos, que marcam os dois maiores luzeiros das matemáticas e da literatura!

A chuva tornava-nos demasiado prosaicos: C. fungava uma enorme pitada e queixava-se de dores de dentes. J. L. consultava o Pegas à Ordenação para dar o seu parecer a respeito de uma célebre causa: mas não julguem que este advogado recebe causas mirando unicamente ao dinheiro: nada; os seus clientes têm sempre justiça, porque se lembra muito bem das palavras de Greg. sobre Ezequiel: «Justus advocatus a nullo injustas causas accipit;» eu lia as viagens de Lichnowski; A. L. cuidava em alisar os cabelos (em que presumo assaz) e em cortar as unhas, visando talvez a alguma futura conquista de deidade bracarense; mas como havia de levar a efeito essa conquista se não tem bigode? Pois o tal rabicho não é para desprezar; um bigode abundante e não retorcido dá à cara mais meta um ar marcial e defende o possuidor da ira dos adversários; o bigode comprido, direito e afunilado faz do maior hipocondríaco na aparência, um rematado M...[?]; o bigode é o símbolo do janotismo, é o sinal de bom tom; quando a *pêra* acompanha o *irmão* sobem de ponto as vantagens do bigode; e de feito dandy sem cabelo sobre o beijo superior é casa sem telhado, biblioteca sem bibliotecário e soldado sem armas.

Somente os velhos fazem injusta guerra aos bigodes, porque já não podem mudar de fisionomia e algum barbeiro acompanha-os nas invectivas porque os seus fregueses não precisam de quem os barbeie desde que o cabelo cobriu a parte mais dificultosa para os cortes da navalha; de mais as coquetes raro se agradam de rapaz desbigodado e quando assim vêem mandam-lhe imperiosamente que o deixe crescer; que o traga um pouco mais comprido para que *ela* ao ver o seu cãozinho felpudo se lembre do seu amante e, finalmente, que rape as próprias suíças porque o papá não gosta de quem encobre a cara; e tudo isto sob pena de lhe retirarem o seu importante amor.

Daqui se deduz correntemente a importância do bigode; mas contudo as fases e eclipses da barba trazem consigo alguns inconvenientes, o que não admira se nos lembramos que antes da teoria dos bigodes já nossos avós diziam – Nada há perfeito.

Quando cortam a barba sujeitam-se a que os amigos não os reconheçam, a que os parentes se quezilem com eles, e a que os velhos digam (não afirmo se com razão) que são pedaços d'asnos com dois pés e de forma humana.

A tarde estive lúgubre como um *dies irae* e chuvosa como um banho de choque; as árvores, tão troncosas, pareciam ciprestes de cemitério; quis dar começo aos = Apontamentos = mas não tinha tinta, como Moisés para escrever o Pentateuco, segundo a opinião de Voltaire; quis fazer versos, mas as musas não me fadarão; à força de trabalho cheguei a rimar 5 sextilhas, pouco agradáveis para os bracarenses: reli-as e achei que a maior parte dos versos eram hipercatalecticos! Era melhor sofrer a chuva. A. L. foi da minha opinião depois da sua usual caturrice e saltamos pelo pátio da igreja abaixo; como a chuva apertasse, recolhemo-nos debaixo da primeira capela que encontramos.

As lufadas do vento corriam pelas árvores fora e impeliavam umas contra as outras, até que a última, sem achar apoio a que arrimar-se, deixava cair suas franças até quase ao chão. De quando em quando o vento sossegava, e apenas se ouvia o bater da chuva e da saraiva contra os vidros das portas da capela e sobre as lageas dos escadórios; um nevoeiro muito denso avançava para nós e parecia cobrir-nos e envolver-nos naquele véu esbranquiçado, que fizera desaparecer a cidade como por encanto: aqueles sítios ermados, já não contemplavam as folhas de ontem; só de quando em quando se ouvia o chapinhar de alguns romeiros, de péssimo gosto, sobre o terreno coberto d'água, que, fendido pela chuva até grande profundidade, parecia faltar debaixo dos pés.

A água da chuva corria precipite como pequenas catadupas sobre os escadórios, e fornavam-se ribeirinhos nos lugares onde somente haviam caminhos proclives lajeados de pedras mal unidas e cheias de fendas de que saltava a água com força como de uma nascente; a erva, que o vento açotava, ou ia junta com a água ou corria como um regato. Se levantávamos os olhos, a saraiva impelia as pálpebras a cerrarem-se; o guarda-chuva mal cumpria as suas obrigações empurrado pelo vento; havíamos saído na pior ocasião; afinal aventuramo-nos com dobrado peso, graças à água celeste. Depois de envergarmos outros trajes, voltamos ao antigo estado de apatia e prosaicismo.

E o juízo daquele abalizado jurisconsulto não vai muito fora da verdade, apesar de ter sido escrito na segunda década do presente século.

Braga é na verdade um enorme gigante, medida pelo estalão da hipocrisia; quando há poucos anos, pelo tempo de S. João, houveram três dias santos seguidos, e a afluência de gente de toda a parte a visitar a capital do Minho foi excessiva, todos os lojistas venderam publicamente e com porta aberta, apesar de ser de uso naquela terra encerrarem-se as lojas em dias santos ainda dispensados! Desta gente que deixa a *santidade* a troco de dinheiro, arreda....

Braga, porém, não é solo pousio de talentos, nem há terra que o seja; mas o desenvolvimento deles, que é a sabedoria, só pode ter lugar quando a civilização vá entrando os umbrais da terra e animando os génios; causava espanto que Braga fiel não tomasse partitura no vultoso drama dado à luz e posto em cena pela revolução, eminentemente liberal, de 1820 (um, um; cheira a artigo de fundo), e que se deixasse estar no marasmo, sem ouvir o eco do estrondo da tripeça = Liberdade, Igualdade e Fraternidade = caída sobre a minha terra, sobre o Porto; mas a raça de hoje ergue-se viçosa, despertando-se o amor à glória e fazendo verdadeira parte do Portugal civilizado; a literatura e as ciências têm muito respeitáveis adeptos em Pereira Caldas, autor enciclopédico; Pacheco Pereira, autor da *Escrava de Sigismundo*; Torres e Almeida, bem conhecido como redactor do *Farol do Minho*, e pela sua obra = *Origem da Língua Portuguesa*; = Fernando Castiço, poeta, etc., etc.; modernamente têm-se publicado várias obras, que bem mostram a verdade do que levamos dito.

Do que Braga se pode ufanar é de ser terra clássica dos terços, hipocrisia e péssimos cafés; este triângulo deve ser desfeito quanto antes para que se diga com franqueza = Braga é civilizada; por ora, consintam-me dize-lo, é muito teocrática e hipócrita.

Os terços é o primeiro lado a destruir. Dizer que essas cantilenas são louvor para Deus, é tecer encómios a Gregório 13.º por saudar a morte do almirante Coligny. Haverá dois anos, vínhamos, eu e A. C., de Tibães a cavalo em pobres jericos; entramos na rua do Alcaide, quando *um terço* vinha *caminhando* muito adornado por lanternas; o cavalo empinou-se quizilado com o ram ram fanhoso; deu três galopes e pôs tudo em debandada; é muito provável que o padre me excomungasse; pelo menos ouvi as vozes dos pseudo beatos gritando = Ah seu tratante, forte herege, não sabe aprear-se! e correram após mim; as esporas salvaram-me deste conflito.

Aqueles rezares são dignos de mofa. Quando se eleva o pensamento a Deus é para haver galardão no outro mundo, ou neste, mas vindo do céu, ou para não entrarmos o reino de Satanás, ou para abreviarmos o tempo da purgação das almas; mas para nada disto aproveitam tais rezas públicas, que somente servem para gerar a hipocrisia, para aguçarem a falta de respeito ao que tão santo é.

*Sancta sancte tractantur* é um axioma bem pouco conhecido dos bracarenses, que de envolta com os cânticos divinos murmuram de quem passa, namoram as vizinhas e desacreditam os seus concidadãos.

É impossível que estas rezas agradem a Deus; é impossível que Deus as meta em linha de conta do há-de-haver dos pecados dos homens, porque as reprovou pela boca do seu dilecto filho, que no sermão do Monte exclamou:

«E quando orares, não sejas como os hipócritas, porque *folgam de orar em pé* nas Sinagogas e nos *cantos das ruas*, para dos homens serem vistos. Em verdade vos digo que já têm seu galardão.»<sup>7/8</sup>

Ora os bracarenses (entendem-se os hipócritas; isto é, quase todos) louvam a Deus indo de encontro aos seus preceitos, e são tão imprudentes que requerem e exigem reverência para tais rezas!...

Não se pode aduzir texto mais frisante e mais a propósito; senhores impostores, o vosso estigma é bem conhecido; Deus e os homens sensatos reprovam por necessidade os vossos embaimentos; mas continuai, continuai; estais no vosso elemento, a hipocrisia: enquanto não a depuzeres não sereis mais que míseros embusteiros; outra coisa vos recomenda; envergai os capotes desde pela manhã até à noite, no inverno e no verão, no tempo quente e no frio; essa cobertura casa-se óptima e sublimadamente com o vosso génio avesso à sinceridade.

Tudo o que acabamos de dizer é verdade crua; digam-no os mesmos bracarenses civilizados, que se riem das loucuras dos seus concidadãos.

### Apontamentos de viagem – XI

*Mostra-se o talento publicista de A. L. Conta-se que a mesa do Bom-Jesus despediu o estalajadeiro. O Moderado. Literatos bracarenses. Terços de Braga. Fogo preso. Diz-se que o pirotécnico não sabe nada de regras de civilidade. Até que afinal o autor descobre chocolate!!!! Desejos do autor. Fim da obra. Carta do autor ao seu amigo A. L. S. de Carvalho.*

A noite do dia em que se passavam os factos que acabamos de narrar no precedente capítulo foi tenebrosa como a tarde e o nosso estado apático não mudou com a fugida do dia. A. L. escrevia um panfleto acerca do jornalismo no Porto e devorava as páginas que tinha escrito com furor do bicho da traça; pude aproximar-me dele sem ser sentido e li à fraca luz de uma torcida alimentada por um marroxo:

«A parte principal de um jornal é, sem dúvida a parte política, importante pela sua dificuldade e importantíssima pelo fim. É nesta parte que o escritor público desempenha o seu papel no variado drama da sociedade. É ali que, graças à lei das leis, garantia da nossa liberdade, se discutem as questões administrativas e se resolvem os problemas económicos: é ali que o povo aprende a conhecer a bondade dos diferentes corrilhos e fracções políticas e a ver de que parte está o embuste; é ali enfim que se estigmatizam os erros e os crimes dos governos. Quantos abu...»

A. L. tinha virado folha e fiquei semibrutificado no meio da leitura, que, mercê ao meu saber taquigráfico, ia trasladando para o papel.

Depois de cearmos entregamo-nos ao descanso corpóreo e espiritual; o sino do relógio do Bom-Jesus dava 9 horas quando descíamos da cama depois de termos dormido 10 horas. Neste dia devíamos partir para Braga, estar lá no dia seguinte e partir no imediato a este último, para o Porto; a chuva transtornou os planos e somente no dia seguinte partimos para Braga; antes de dizermos adeus à estalagem veio o Sr. Domingos Dias com as contas numa mão e o livro de receita e despesa na outra. C. desencantou do *porte-monnaies* algumas libras, recebidas depois pelo estalajadeiro alegre; não sei quanta foi a despesa mas verdade é que C. queixou-se acremente do dono da estalagem e não foi sem razão porque num número do *Moderado* do mês de Agosto lia-se o seguinte:

.....

<sup>7</sup> Corina, Liv. 9, cap. 2.º - O autor declara que tudo o que diz respeito da música não se entende com os solfejos da aula de canto; porque não quis falar de sons desarmoniosos que servem tão somente para fazer estanques as sensações agradáveis.

<sup>8</sup> S. Mateus, cap. 6.

«A mesa do Bom-Jesus sabendo que o Sr. Domingos Dias, que há anos fora nomeado para dirigir a hospedaria, denominada = Estalagem Real = não cumpria os deveres.... etc. não só por falta de limpeza e por ministrar muito má comida (oh, que petta: tratou-nos excelentemente!); mas também porque levava um excessivo preço (muito bem; apoiado) pela hospedagem, deliberou despedi-lo e nomear para o substituir o Sr. António José de Azevedo Silva Guimarães.»

Isto é que é local interessante.

Entrei para o carroção..... e tive ocasião de experimentar o estado do caminho para o Bom-Jesus. Oh! que sofrimento não padeci! Os joelhos saltavam para ambos os lados, e as cabeças davam umas nas outras com estrepito terrível; os vidros tintilavam infernalmente; o veículo parava a cada instante ao descer aquelas proclividades, e ora corria desabridamente, ora ia muito de vagar! O que sofri não se pode contar; só quem viajou por aquelas plagas sabe sentir o que escrevo. Não muito depois tornamos a entrar em Braga causando sempre espanto, e... talvez medo; quem pode dizer ao certo o que são os bracarenses? Querem saber o que disse um literato português a respeito desta gente, o Sr. Nunes e Carvalho? Leiam as palavras que abaixo se seguem, metidas entre aspas:

«Será difícil encontrar uma povoação considerável onde a gente seja menos civil, mais velhaca e tão fanática e grosseira. É para lamentar que uma casa asseada esteja habitada por uma família torpe. Fica um viajante atônito, quando ao passar pela rua principal da cidade, vê-se espectáculo da gente ociosa que entulha as lojas de negociações; e quando depois de mirarem e remirarem ao passageiro, curam logo de indagar quem é, que qualidade de pessoa, a que vai, e quantos vestidos trás.»

Na noite do dia em que nos achamos no discurso dos Apontamentos, houve fogo preso no sítio denominado – Carvalheiras; a noite estava pouco bonançosa, mas não estorvou que os habitantes da cidade atulhassem o campo das Hortas. Uma inúmera porção de foguetes de *bomba real* e de *lágrimas* fendia as nuvens e caía entre o povo, que espavorido fugia diante daquele perigo continuado. Se conseguir levar a efeito a minha candidatura para deputado hei-de fazer quanto em mim caiba para que sejam proibidos estes fogos de artifícios, que somente causam desordem e desgraças; um pobre soldado teve a cabeça aberta; um rapaz lamentava o seu chapéu novo furado pela cana de um foguete; os gritos amiudavam-se; os garotos acompanhavam os hurrahs de encontrões diabólicos, a fim de apanharem os foguetes. Quando principiou o fogo preso tudo se calou e voltou as atenções para a primeira *árvore*; era uma coisa, assim a modo de girassol grande; nos últimos giros ergueu-se aos ares um berro unísono em aplauso ao pirotécnico, delícias da cidade Augusta; nas seguintes três *árvores* o berro recrudesciu; parecia um grunhido prolongado; a quinta peça foi o suprasumum da arte; para provocar os aplausos do povo tinha o sábio artista colocado a figura de fogo em acção, que não se diz em folhetim, quando não trata de latrinas.

Eu e A. L. vimos aquele espectáculo com suma curiosidade; era talvez o último divertimento que fruíamos naquela terra clássica. Antes de irmos para o campo das Hortas, passeamos a cidade em todas as direcções, e apenas ouvimos algumas rezas por entre as adufas; terços *ambulantes* não andavam naquela noite; era que os devotos tinham ido para o campo das Hortas; preferem os divertimentos à religião. Qual seria o Papa que autorizou os estatutos da *ordem dos terços*? Seria Gregório XIII?.....

Ora eu não queria sair de Braga antes de tentar os cafés que ainda não tinha visitado, e procurar neles chocolate, esse decoto de baunilha, cacau, açúcar e canela, trazido do México em 1520, e cantado por Dellile; portanto levantei-me muito de manhã no dia seguinte, e dirigi-me para um café situado atrás de Catedral, esse augusto monumento, cuja fundação é somente sabida ao certo pelas remotíssimas antiguidades; a aparência do estabelecimento não era disforme; animei-me com isto, e entrei portas dentro; mas os calafrios



assaltaram-me, porque me havia enganado; a casa era uma bodega com duas mesas de pinho e dois canapés do mesmo pau: o balcão de pau do Brasil dava vasta morada a plêiades de moscas, que pousavam também nas deliciosas iguarias guardadas em lotes desenvidraçados! Eu não me devia assustar, porque estava em Braga; mas a minha construção débil não suporta impressões violentas; se não fora um dos canapés em que presto me assentei, talvez que esta cabeça fosse matar alguma mosca no soalho.

– Há chocolate?

– Não há feito, mas faz-se.

Arquimedes deu um grande grito = Eureka = (se a história não mente) ao achar que um corpo mergulhado na água perdia do seu peso uma quantidade igual ao peso do volume da água que desloca, e correu pelas ruas da cidade, que habitava, ébrio de contentamento; eu perfilei-me, dei três pulos sobre o banco, e exclamei = Tragam-mo quanto antes, = ouvindo dizer que havia chocolate.

Não há gosto sem desgosto: o chocolate veio, mas fervente a ponto que me esfarrapou o paladar, e deixou-me com a boca aberta por 3 minutos; bufei, bufei, mas nada: eram as ondas do mar, cuja fúria cresce com o vento; tive de esperar um pouco, e entretentes li o *Periódico dos Pobres*, todo besuntado por café e pingos de simonte: finda a leitura tomei a sublime bebida, paguei e saí para casa, onde almocei pela segunda vez e com bom apetite.

Os nossos = Apontamentos = estão a findar; o leitor deve certamente ter-nos em subida consideração, depois da leitura desta obra, monstro pelas novidades que refere, estimável, pelas originalidades que apresenta, de saudosa memória pela sua efemeridade, preciosíssima pela linguagem de que usa, engraçada pelo salero que por ela disseminámos, amante da verdade, pelo que diz dos bracarenses, imbróglgio de crítica, de tipos nacionais, de brilhantes painéis da natureza, etc., etc. *Dicant lectores*.

A tarde deste dia foi muito prosaica; passou-se em emalar roupa suja, arranjos de viagem, restos de virtualhas, alguns livros, e os autos inseparáveis de J. L., aumentados pelo judicioso parecer deste ilustre advogado. À noite saímos para nos despedirmos de algumas famílias conhecidas e amigos nossos.

Às 3 horas da manhã do dia seguinte, depois de uma parca refeição, dissemos adeus ao estalajadeiro e entramos no.... no carroção!!! A pesadíssima locomotiva pôs-se em andamento: A. L., ao passar pelo campo das Hortas, deslizou-se-lhe uma lágrima pelo olho esquerdo fora, queixoso por não haver completado uma conquista principiada na noite do fogo preso; J. L. levava um volume do Pegas debaixo do braço para ler ao raiar da aurora; eu aventurava a cabeça fora do carroção para observar se ainda se ouviam alguns terços; mas nada me feriu os ouvidos: então disse a Braga um adeus sentido e magoado. C. fazia, por miúdo, as contas do que tinha gasto, e amaldiçoava a ladroeira dos estalajadeiros.

Oxalá que a companhia da iluminação a gás adiante os seus trabalhos; que o dono da Pipineira reforme os canapés; que os terços acabem; que os pirotécnicos leiam o manual da civilidade; que os estalajadeiros não levem dinheiro em demasia a troco de má comida; que os bracarenses deixem as anomalias notadas no discurso desta obra, e que sigam os seus concidadãos civilizados; que, finalmente, os fiéis e augustos habitantes da cidade, em questão, não atormentem o autor com as suas pragas costumadas: se tudo isto for a efeito, é de crer que o Porto não será superior a Braga: *ceci tuerá celá*. Pela nossa parte protestamos dar-lhe apoio, com quanto que haja chocolate em todos os seus cafés.

Como era de esperar, chegamos a esta cidade algum tanto magoados pelo balouço do carroção, depois de passarmos na volta não menos incomodados que na ida. Em Vila Nova de Famalicão havia a mesma trupida de carros e a mesma falta de cortesia no moço da estalagem. Na Carriça não passamos nada que valha a pena de ser narrado.

Na noite em que chegamos sonhei que ouvia terços berrando-me aos ouvidos, e isto fez-me lembrar que tinha de escrever os = Apontamentos = que acabam hoje, e principiei-os logo, não levantando a mão de eles antes de lhes dar o fim que o leitor acaba de ver.

### **Ao meu amigo Augusto L. Simões de Carvalho dedico estes = apontamentos**

R. de F.

Meu caro Augusto de Carvalho.

Certamente já sabe as causas porque lhe dedico esses doze folhetins com o título de *Apontamentos*; mas consinta-me que as enuncie.

Primeira. Não havia pessoa alguma que melhor entendesse as minhas palavras. Não tem convicção de que é isto uma verdade? E, demais, não há outra coisa a esperar de quem correu com o autor as contadas aventuras, de quem o acompanhou em todos os passeios e em quase todos os pensamentos.

Segunda. A amizade, que nos une, exigia que lhe dedicasse as primícias de pequeno estudo, os frutos primitivos de apoucado talento, ainda que destituídos de mérito e cobertos de erros (?).

Há-de haver provavelmente quem se ria por lhe dedicar uma obra tosca; mas para esse riso de escárnio há um riso de desprezo: a amizade sincera, como a nossa, aceita de bom grado quaisquer ofertas, vindas de outro, que lhe retribua não menos crescida e alentada. Antigamente ofereciam-se as composições literárias a quem com seu nome pudesse encobrir os defeitos da obra e era de ordinário algum aristocrata; mas a aristocracia, vendo que não tem forças para com o seu simples nome desvanecer erros, cedeu forçosamente o lugar à amizade; hoje dedicam-se as obras a quem segure ao autor um voto de estima do que se escreveu, um sentimento verdadeiro do que se sentiu.

Tenha pois este oferecimento como nascido da amizade que lhe une,

J. J. Rodrigues de Freitas, Júnior.

Outubro, 16 de 1856